

É preciso avisar toda a gente  
Dar notícia, informar, prevenir  
Que, por cada flor estrangulada  
Há milhões de sementes a florir.

(...)

E que os mortos apontam em frente  
O caminho da esperança que resta

*João Apolinário*

# biblica

ONDE A BÍBLIA SE FAZ VIDA

A Bíblia incita  
à violência  
e à vingança?

Ano 66 / maio-junho 2020 / Nº 388 / € 1.50

## 800 ANOS

Vocação franciscana  
de Santo António  
Mártires de Marrocos



**LUZ** nesta  
pandemia



## SECÇÕES

- 01 EDITORIAL: Repensar a missão evangelizadora da Igreja
- 03 A BÍBLIA RESPONDE: A Bíblia incita à violência e à vingança?
- 09 ESCOLA DA PALAVRA: junho-julho / Ano A
- 14 ÍCONES: Trindade, de Rublëv
- 16 CRÓNICA: A beleza da Vida

## DOSSIÉ 1

### Santo António e os Mártires de Marrocos

- 17 Ano Jubilar
- 18 800 anos de Santo António franciscano e dos 5 primeiros mártires franciscanos
- 22 CÂNTICO: António do Mundo inteiro
- 24 Os cinco primeiros mártires franciscanos
- 27 ORAÇÃO: A Santo António e aos Mártires de Marrocos
- 28 Francisco e António: os santos da Palavra

## DOSSIÉ 2

### uma LUZ bíblica sobre esta pandemia

- 02 ORAÇÃO: Aos Santos Pastorinhos de Fátima
- 13 ORAÇÃO: Dos Bispos da Europa
- 33 “Esta coisa”
- 34 Lições da arca de Noé
- 37 O Exterminador do Egito e outras pragas
- 41 Com Job e Jesus nos dias de coronavírus
- 43 Em lágrimas chegou a primavera
- 44 ECUMENISMO: Um Pai-Nosso global para a história da aproximação ecuménica
- 46 “Acorda, Senhor”, e reanima a nossa fé!

**às vítimas do COVID-19  
e das perseguições religiosas,  
aos seus cuidadores e evangelizadores  
dedicamos este número da nossa Revista  
feita EM CASA por comunicação eletrónica.**

CAPA: Antonio d'Enrico, chamado Tanzio da Varallo, Santo António de Lisboa com aspeto adolescente, cerca de 1616-18, Pinacoteca cívica, Varallo Sesia.



### DA CONTEMPLAÇÃO À ORAÇÃO DE SÚPLICA

No recomeço do Tempo Comum – para proclamar e celebrar o “Evangelho da Vida” normal, corrente e diária – enfrentamos um vírus mortal, fruto da “cultura de morte” que há muito mina a sociedade (des) humana. Oremos ao DEUS DA VIDA, Uno e Trino.

**ASSINATURAS Portugal:** € 10,00;  
**Europa, Macau, Guiné Bissau, S. Tomé e Príncipe:** € 14,50; **Países fora da Europa:** € 17,50; **Assinante Benefeitor:** Quantia superior à indicada para a respetiva assinatura.

**PAGAMENTO** Adiantado no início do ano, em nome de **Difusora Bíblica**.

**Pela referência Multibanco** indicada por baixo do número de assinante na folha de rosto com a sua direção.

#### Por transferência bancária:

Banco Santander Totta – Fátima.

**NIB 0018 0003 37573862020 67**

**IBAN PT50 0018 0003 37573862020 67**

**BIC/SWIFT TOTAPTPL**

(Envie-nos o comprovativo do Banco).

#### ATENÇÃO ASSINANTES NO ESTRANGEIRO!

Em virtude das elevadas taxas a pagar por cheques estrangeiros, pedimos o favor de:

- > Enviar em nome de “Difusora Bíblica”
- > Em euros, sobre um Banco português
- > Melhor ainda, por transferência bancária.

**Já pagou a sua assinatura de 2020?**

**No envelope da revista, a data junto do seu nome é a do ano que já está pago.**

**LEMBRE-SE:** esta revista só vive do pagamento dos seus assinantes.

## sinodalidade no digital

# REPENSAR A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Há pouco mais de dois anos, escrevi num editorial desta revista que, «mais importante do que atualizar o nosso feed particular no Instagram ou no Facebook, é atualizar o nosso feed comum», e, sublinhava, então, a urgência de as comunidades cristãs encontrarem formas de usarem os recursos digitais como complemento e prolongamento do «encontro em carne e osso».

**H**oje, por força das circunstâncias, encontramos-nos quase privados da possibilidade desse encontro pessoal. As comunidades e as paróquias que tinham um plano de comunicação ou que rapidamente se adaptaram à nova situação, puderam, ainda que de modo diferente daquele que todos gostaríamos, fazer o anúncio pascal, alegre e feliz, da Ressurreição do Senhor. Mas, em muitas outras comunidades, reina ainda um silêncio impotente. Não sabemos quando nos livraremos desta pandemia da Covid-19. Já se fala numa segunda vaga e a questão não é tanto se vai haver, mas quando surgirá. O que intuimos é que pouco será como antes. Alimentamos, ainda assim, a esperança de que, no pós-pandemia, haja mais lugar para a dimensão espiritual da vida, mais compaixão, solidariedade, gratuidade e maior sentido de justiça social. «Se pudemos aprender alguma coisa neste tempo», afirmou o Papa Francisco, «é que ninguém se salva sozinho».

Nas últimas semanas, a Igreja Católica tem dado um testemunho muito belo de amor ao próximo. Rezar, espera-se de todos. Mas, além disso, algumas dioceses, ordens religiosas e congregações colocaram as suas casas e outras estruturas à disposição das autoridades de saúde, várias religiosas começaram a costurar máscaras, outras a servir refeições aos mais pobres. Há grupos de jovens que fazem as compras aos idosos, e muitos sacerdotes fazem-se presentes e próximos das pessoas com enorme criatividade pastoral e solicitude espiritual na assistência hospitalar.

Mas, das mais de quatro mil paróquias em Portugal, quantas adaptaram o seu programa pastoral a esta nova realidade, aproveitando os meios digitais para continuar a catequese, organizar formações, tertúlias, conferências, concertos, tempos de oração e de retiro, cursos bíblicos e fazer reuniões de grupos? Tomados pela inércia, alguns aproveitam este tempo para descansar, uma espécie de férias antecipadas. Mas a pastoral nunca mais será a mesma! Este é o dia que o Senhor fez! Este é o tempo de trabalhar arduamente para encontrar novas formas de proximidade com as pessoas e novas formas de anúncio do Evangelho, pois Deus não abandona o seu povo nem em tempo de pandemia.

Se há males que vêm por bem, e porque desta vez sentimos na pele os efeitos desta pandemia, talvez, finalmente, se perceba a urgência de começar já a preparar o próximo Sínodo dos Bispos, a realizar em outubro de 2022, sobre “Igreja e Sinodalidade” e sejam as ovelhas, cansadas de esperar pelos seus pastores, que, à luz da Palavra de Deus, comecem a usar os meios digitais para iniciar a necessária reflexão sobre como concretizar a participação ativa de todos na missão evangelizadora da Igreja.

Hermano Filipe

**Diretor**

Hermano Filipe

**Administrador**

Luís Manuel Leitão

**Chefe de Redação**

Lopes Morgado

**Redatores Permanentes**

Acílio Mendes, António-José d'Almeida, António Marujo, Ariel Valdés, César Pinto, Fernando Alberto, Fernando Ventura, Herculano Alves, João Santos Costa, Manuel Arantes, Manuel Rito, Marcelino Paulo Ferreira, Vítor Arantes, José Luís Caetano (imagem)

**Direção gráfica**

Lopes Morgado

**Paginação**

Tânia Cordeiro

**Edição**

DIFUSORA BÍBLICA

(Franciscanos Capuchinhos)

**Administração e Redação**

Rua de S. Francisco de Assis, 160

Apartado 208

2496-908 FÁTIMA

Telefone: 249 530 210;

249 530 211

**e-mail:**[difusora@difusorabiblica.com](mailto:difusora@difusorabiblica.com)**home page:**[www.difusorabiblica.com](http://www.difusorabiblica.com)**Propriedade**Província Portuguesa da  
Ordem dos Frades Menores  
Capuchinhos**Pré-impresão**

Difusora Bíblica/Fátima

**Impressão e Acabamento**FIG – Indústrias Gráficas, SA  
COIMBRA

ISSN 0874-3061

**Depósito Legal:** nº 28340/89

NIF: 500 766 762

Isento de registo na ERC, ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 - 9/6 do artigo 12 nº 1 a)

**Tiragem:** 6.500 exemplares**Fecho do número:** 20 de abril

## CONTRA A PANDEMIA

**aos Pastorinhos de Fátima**

O P. Roveda manifestou a esperança de, com esta oração, «poder dar um pequeno contributo de força espiritual» num momento «tão delicado» como o atual.

**P. Luca Roveda**

**S**antos Jacinta e Francisco, pequenos videntes de Fátima, por singular graça escolhidos por Maria Santíssima no seu Coração Imaculado para se tornarem grandes testemunhas da luz de Cristo, a vós recorreremos hoje, neste momento de emergência sanitária, de dor e de prova.

Há cem anos, ó santas crianças, vós próprias fostes atingidas pela terrível epidemia de gripe espanhola, e carregastes com fé no vosso corpo os sinais e as dores do mal que enfrentastes com maravilhosa fé até à morte cristã. A nossa Mãe Celeste tinha-vos anunciado a morte prematura, associando-a à paixão de Cristo pela salvação do mundo; e vós, na doença e na agonia, testemunhastes, com a contínua oração, a total adesão à divina vontade.

Hoje, um século depois, somos devastados por uma outra terrível epidemia, e dirigimo-nos a vós com confiança, para que, através do Coração Imaculado de Maria, que os vossos olhos viram já aqui na Terra, possais obter para nós a saúde da alma e do corpo, uma fé forte, e a capacidade de sermos solidários com quantos estão na doença e na provação.

Vós que, com sorriso gentil e mansidão de coração, acolhestes os tratamentos médicos, assisti e protegi todos os médicos e os agentes de saúde no seu desmedido esforço nesta luta contra a doença. Protegi as nossas famílias, fazendo redescobrir a beleza da oração recitada em conjunto, e em particular o Santo Rosário, que vós apertastes entre as mãos até ao último suspiro.

Convosco, pequenos pastorinhos, e com Maria Santíssima, nossa Mãe e Guardiã, com total confiança nos dirigimos a Jesus Cristo, nossa salvação, que na luz pascal vence o mal e a morte. Ámen.

**A Bíblia incita à violência e à vingança**  
(Os salmos imprecatórios)

Na sua *Autobiografia* publicada em 1887, Charles Darwin conta timidamente e quase com vergonha como nasceram as suas dúvidas sobre a religião, e como chegou a perder a fé: «Dei-me conta de que no Antigo Testamento aparece um Deus terrível, com sentimentos de um tirano vingativo; vi que a Bíblia não era mais fiável que os livros sagrados dos hindus, ou as crenças de qualquer bárbaro.» Faltava-lhe ler o Novo Testamento.

Ariel Álvarez Valdés / [arialvaldes@yahoo.com.ar](mailto:arialvaldes@yahoo.com.ar)**SENTIMENTOS DE UM TIRANO**

Darwin não foi o único a perder a fé com a leitura da Bíblia. Inúmeros cientistas, filósofos, pensadores, catequistas e até simples cristãos sentiram-se escandalizados perante este livro, onde se vê Deus a vangloriar-se, destruindo e assassinando quem Lhe desobedece.

Não faltou quem se desse ao trabalho de contar quantas pessoas, na Bíblia, aparecem como eliminada por Deus. E o número é arrepiante: 2.038.334 pessoas! Sem incluir os mortos nos grandes extermínios como o dilúvio universal, a destruição de Sodoma ou a matança dos primogénitos do Egito, cujas cifras não aparecem.

Parece que, nesse tempo, o Deus da Bíblia gostava de matar os seus opositores sem o menor escrúpulo, o que levou o inglês Derek Clayton a exclaimar: «Se mais cristãos lessem a Bíblia, haveria menos cristãos.»

**AS TERRÍVEIS ORAÇÕES**

Mas o nosso assombro cresce ainda mais quando descobrimos que a Bíblia também nos

David, a quem se atribui a maioria dos Salmos.



ensina a desejar o mal e a morte dos nossos inimigos. Vemo-lo, por exemplo, no livro dos Salmos. Tradicionalmente, este livro tem sido um dos mais estimados pela Igreja, por ser um escrito cheio de louvores, cânticos e meditações profundas, ao qual milhões de cristãos no mundo recorrem várias vezes por dia para rezar e meditar. Mas acontece que, de repente, ao levantarmos o nosso espírito a Deus com um salmo, encontramos frases como estas:

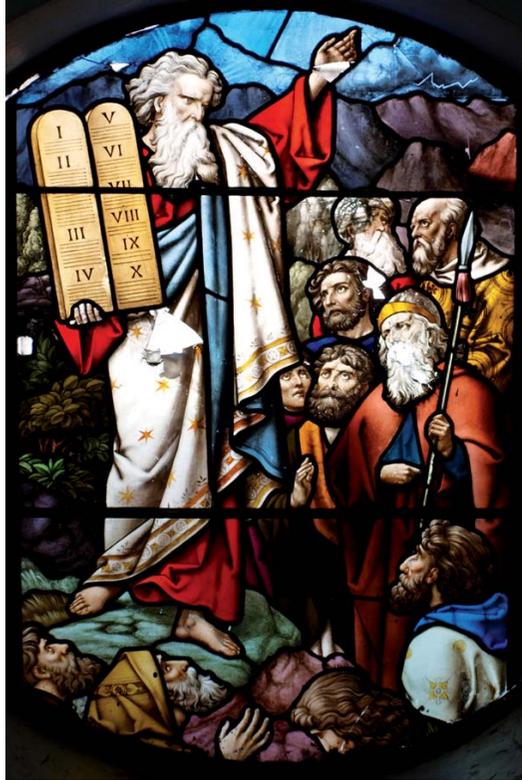
«Ó Deus, quebra-lhes os dentes!  
Arranca, Senhor, os queixos a esses leões!  
Desapareçam como as águas que correm;  
quando atirarem flechas, que as encontrem quebradas.  
Que eles passem como o caracol a desfazer-se em baba,  
e como um aborto, que não viu a luz do sol. [...] O justo há de alegrar-se ao ver-se vingado, e, no sangue do ímpio, lavar os pés»  
(Sl 58,7-9.10-11).

«Que os seus banquetes se transformem numa armadilha e numa cilada para os seus amigos.  
Escurece-lhes a vista para que não vejam, tremam-lhes os rins a cada instante.  
Descarrega sobre eles a tua indignação; sejam atingidos pelo furor da tua ira.  
Tornem-se desertas as suas moradas e não haja quem habite nas suas tendas.  
Deixa-os acumular falta sobre falta e não deixes que tenham acesso ao teu perdão»  
(Sl 69,23-26).

«Chovam sobre eles carvões acesos; sejam atirados para covas donde não mais se le vantem.  
Que os caluniadores não estejam firmes na terra; que a desgraça persiga os homens violentos»  
(Sl 140,11-12).

«Senhor, que eu não seja confundido, pois te invoquei;  
sejam, antes, confundidos os pecadores e reduzidos ao silêncio no sepulcro»  
(Sl 31,18-19).

Estas fórmulas têm um nome na literatura: chamam-se “imprecações”. São uma invocação a pedir uma desgraça, um castigo divino ou uma



Moisés entrega as tábuas da Lei ao povo hebreu no deserto do Sinai.

maldição contra um inimigo ou alguém que nos ofendeu. No caso dos salmos, trata-se de uma súplica a Deus para que faça justiça e castigue um rival do orante. Dos 150 salmos da Bíblia, 30 contêm imprecações, isto é, um total de 20 %.

### ÓDIO NO MEIO DE TERNURA

Sem dúvida, o pior de todos os salmos, e o que maior repertório de ameaças inclui contra um inimigo, é o 109. Aí lemos, estupefactos:

«Eles dizem: “Suscita contra ele um homem mau e à sua direita esteja um acusador.  
Quando for julgado, seja condenado, e, na sua apelação, resulte incriminado.  
Sejam abreviados os seus dias e outro ocupe o seu lugar.  
Que os seus filios fiquem órfãos e a sua mulher fique viúva!»

Que os seus filhos andem errantes a mendigar e sejam expulsos das suas casas em ruína.  
Que o credor lhe tire todos os seus haveres e os estranhos lhe arrebatem o fruto do seu trabalho.  
Que ninguém tenha compaixão dele, nem dos seus filhos órfãos.  
Que seja exterminada a sua descendência e seja apagado o seu nome numa geração»  
(vv.6-13).

Estes salmos não contêm apenas imprecações: incluem-nas a seguir a frases cheias de amor e ternura! Por exemplo, o salmo 137, após descrever, com emoção, como os israelitas na Babilónia se reuniam na margem de um rio para rezar e cantar, diz de repente:

«Cidade da Babilónia a devastadora, feliz de quem te retribuir com o mesmo mal que nos fizeste!  
Feliz de quem agarrar nas tuas crianças e as esmagar contra as rochas» (vv. 8-9).

O salmo 143, depois de um verso maravilhoso que nos comove até às lágrimas, diz:

«Pela tua fidelidade, esmaga os meus inimigos; destrói os que atormentam a minha alma, porque eu sou teu servo» (Sl 143,12).

Até o famoso salmo do Bom Pastor, um dos mais ternos e piedosos da Bíblia, ao falar dos delicados cuidados de Deus com os seus fiéis, diz: «Preparas a mesa para mim / à vista dos meus inimigos» (Sl 23,5). Como se a felicidade do crente não estivesse completa sem que o inimigo o veja disfrutar e sofra, por isso, de raiva e inveja.

### UMAS VEZES SIM, OUTRAS VEZES NÃO

Não são apenas os salmos que contêm estas orações. Muitos e grandes personagens bíblicos estão impregnados da mesma mentalidade.

O profeta Jeremias, por exemplo, dirige-se a Deus em oração, pensando nos inimigos que o tentaram matar:

«Por isso, entrega os seus filhos à fome, e a eles próprios, ao fio da espada.  
Fiquem as suas mulheres viúvas e sem filhos; que os seus maridos sejam mortos pela peste, e os seus jovens feridos à espada no combate»  
(Jr 18,21).

«Cidade da Babilónia, devastadora, ... feliz de quem agarrar nas tuas crianças e as esmagar contra as rochas» (Salmo 137,8.9). Ruínas da cidade de Babilónia.



Todos estes textos levantam várias interrogações. Como é possível que a Bíblia nos ensine a maldizer os nossos inimigos? Se estas orações são apoiadas por Deus, como se harmonizam com o mandamento do amor, do perdão e a misericórdia que se encontram noutras partes da Bíblia? Podemos continuar, hoje, a rezar estes salmos?

Os estudiosos deram diferentes respostas a este problema das imprecações e maldições, que tanto escandalizou os leitores.

Uma delas consiste em não considerar inspiradas, isto é, Palavra de Deus, estas passagens violentas da Sagrada Escritura. É a solução proposta por vários autores, que veem em tais declarações a frustração e a dor do salmista expressas em momentos de raiva e de impotência, mas não uma Palavra de Deus.

Esta solução é inaceitável. Se assim fosse, como distinguir o que é inspirado e o que não é, na Bíblia? Quem pode dizer as frases que se tornam ofensivas ou não, para saber o que vem de Deus e o que vem apenas do ser humano? Cairíamos num subjetivismo inadmissível. Além disso, a própria Bíblia diz que tudo o que ela contém, e não apenas algumas frases, é inspirado por Deus (2 Tm 3,16).

### É SIMPLES: AMPUTÁ-LOS OU NÃO OS USAR

Outros estudiosos propuseram uma segunda saída: entender as ameaças de maneira simbólica. Assim, os inimigos contra os quais fala o salmista não seriam pessoas humanas reais, mas as paixões, os pecados e as debilidades do ser humano. Por exemplo, quando o salmo 137 pede que os filhos dos babilônios sejam arremessados contra a rocha, refere-se a maus pensamentos que brotam no espírito; e a pessoa que pega nesses pensamentos e os destrói contra a rocha sólida da fé é chamada “feliz” no salmo.

Porém, esta segunda solução tão-pouco é correta. Pois embora, ao rezar o salmo, possamos “aplicá-lo” à nossa vida, “explicando-o” deste modo não estaríamos a respeitar a verdadeira intenção do autor bíblico. Na verdade, o poeta, ao compor o salmo, não estava a pensar em paixões ou pecados, mas nos seus inimigos de carne e osso a quem queria aniquilar. Por isso, estaríamos

a atraiçoar a mentalidade do autor. Às vezes recorre-se a uma solução mais simples: evitar o seu uso. Foi o que a Igreja fez na liturgia. Eliminou da oração oficial três salmos, que nunca se rezam, por parecerem muito violentos: o salmo 58, o 83 e o 109. Outras vezes, em vez de suprimir o salmo completo, suprime os versículos mais escandalosos. Assim, o salmo 63, que descreve belamente a alma sedenta de Deus, foi amputado da frase final, em que diz:

*«Os que procuram a minha ruína,  
cairão nas profundezas do abismo.  
Eles morrerão à espada  
e serão transformados em pasto de chacais»*

(Sl 63,10-11).

Contudo, esta terceira saída não resolve o problema de fundo, que consiste em averiguar por que motivo a Bíblia conservou uns textos tão agressivos para os propor como oração.

### SÓCIOS, MAS DÍSPARES

Para resolver o problema com seriedade, isto é, para tomar estes textos como referidos aos inimigos e ao mesmo tempo como inspirados por Deus, temos que partir de uma noção-chave da Bíblia: o conceito de aliança.

Todos sabem que, segundo o Antigo Testamento, Deus e o povo de Israel tinham contraído uma aliança muitos séculos antes, no monte Sinai. Mas poucos sabem que tipo de aliança foi essa. Não se tratou de uma aliança entre iguais, como as que hoje assinam dois sócios perante um notário. Deus e o povo de Israel não estavam ao mesmo nível, de modo a concertarem entre si um convénio igualitário. Então, que espécie de pacto fizeram?

Os estudiosos atuais descobriram que a aliança do Sinai estava decalcada nos antigos “pactos de vassalagem” orientais, que eram acordos firmados por dois reis, um deles superior e o outro súbdito. E embora o tratado fosse de mútua cooperação e ajuda, era o superior que impunha as condições, enquanto o súbdito se limitava a aceitá-las. Por isso se chamavam “de vassalagem”: porque um assinava-o na qualidade de senhor, e outro, na de vassalo.

Os arqueólogos encontraram, entre os escombros dos palácios do antigo Oriente, textos



Ninguém imagina, hoje, alguém a rezar o Rosário pedindo a Deus vingança para um inimigo. Mas, nos Salmos, as “imprecações” surpreendem-nos a cada passo.

com pactos de vassalagem dos reis hititas do século XIII a.C.. E ao lermos as suas partes e cláusulas, verificamos que são as mesmas que se encontram na aliança do Sinai (Dt 1-30).

### QUANDO DEUS DEVE CUMPRIR

Significa isto, então, que os israelitas entendiam a sua relação com Deus como a de um vassalo com um rei superior. Ora, uma das cláusulas fundamentais nestes tratados era o juramento do rei superior de proteger o seu subalterno, cuidá-lo e velar para que nada de mal lhe acontecesse. Então, os israelitas do Antigo Testamento viam em Deus uma espécie de grande Rei ou Senhor, que tinha jurado protegê-los de qualquer perigo, como os grandes reis do antigo Oriente juravam defender os seus súbditos.

Com este fundo cultural, podemos agora entender o sentido dos salmos imprecatórios. Os hebreus sabiam que estavam “em aliança” com Deus, e portanto protegidos por um Grande Rei; e que, enquanto eles cumprissem a sua parte da aliança, isto é, os mandamentos divinos, Deus tinha a obrigação de cumprir a sua, saindo em defesa deles perante qualquer dificuldade.

Era essa aliança, pois, que legitimava a sua oração a Deus, pedindo que Ele castigasse os inimigos do povo

### SALVAR O JUMENTO DO TEU ADVERSÁRIO

Deste modo, os salmos imprecatórios eram o memorando dos crentes para que Deus cumprisse a sua parte da aliança. Não se tratava de um mero desejo de vingança pessoal, nem de um arrebatamento de ódio, nem de um pedido rancoroso, mas de uma exigência de justiça para que o Grande Rei interviesse. No fim de contas, Deus assim o tinha prometido: *«Se escutares a sua voz e se fizeres tudo o que Eu falar, Eu serei inimigo dos teus inimigos e serei adversário dos teus adversários»* (Ex 23,22).

Embora os israelitas soubessem que tinham feito um pacto com Deus, e que por isso tinham direito a ser defendidos por Ele, também sabiam que Deus lhes havia pedido que moderassem as suas ações e tivessem uma atitude sã e equilibrada com os seus inimigos.

Efetivamente, no livro do Levítico, Deus ordenava: *«Não te vingarás nem guardarás rancor aos filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo»* (19,18). No livro do Êxodo: *«Quando encontrares um boi do teu inimigo ou o seu jumento, tu lhos levarás de volta. Quando vires um jumento daquele que te odeia caído debaixo da sua carga, não o abandones. Deves soltá-lo com ela»* (23,4-5). E no livro dos Provérbios: *«Não te alegres*

com a ruína do teu inimigo / nem rejubile o teu coração com a sua queda» (24,17).

Ou seja: a aliança do Sinai, apesar de permitir as imprecações, também ensinava a não se vangloriar do inimigo, a perdô-lo, e a ajudá-lo em caso de necessidade.

### COM UM AMOR ALARGADO

No decorrer dos séculos, em certo momento a aliança do Sinai ficou envelhecida pela história, e Deus decidiu realizar uma nova aliança (Heb 8,1-13). Mas, desta vez, com estas características diferentes: **a)** o mediador já não foi um simples ser humano, como Moisés, mas um personagem divino: Jesus de Nazaré; **b)** o cenário não foi o monte Sinai no deserto, mas a última ceia em Jerusalém; **c)** não se tratou de um pacto de vassalagem entre um rei superior e uns subalternos, mas de uma aliança entre amigos (Jo 15,15); **d)** o mais importante: os beneficiários não foram unicamente os membros do povo de Israel, mas toda a humanidade.

As cláusulas desta nova aliança já não consistiram numa longa lista de leis, preceitos e normas, como a do Sinai que chegou a ter nada menos que 613 leis, mas consistiu num único mandamento: o amor aos outros, o amor universal. Assim o exprimiu Jesus, durante aquela ceia: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos ame!» (Jo 13,34). E para que ficasse bem claro que este era o seu preceito, diferente dos de Moisés, acrescentou: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos ame!» (Jo 15,12).

Jesus quis ensinar que já não existe um povo preferido por Deus como na antiga aliança, para socorrer ao qual, Ele esteja disposto a esmagar e destruir os outros. Agora, no novo pacto, a Deus interessam-lhe todos os povos, todas as nações. E se na nossa oração desejamos que Deus acabe com alguém que nos incomoda, teremos que nos lembrar que esse inimigo também é amado por Ele. Portanto, agora, Deus já não vem apenas em nossa ajuda para esmagar os nossos adversários ou para humilhar os nossos contendores. As cláusulas da aliança em que nos encontramos mudaram.

### A VERDADEIRA DESTRUÇÃO

Um dos grandes ensinamentos de Jesus é que Deus ama todas as pessoas, quer elas sejam boas ou más, justas ou injustas. Por isso não pode aniquilar ninguém, como se pensava no Antigo Testamento. Além disso, pediu-nos que fizéssemos o mesmo: «*Amai os vossos inimigos, e orai por aqueles que vos os perseguem. Assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus, e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores*» (Mt 5,44-45).

E Jesus não só o ensinou em teoria – pô-lo em prática: ao morrer na cruz rezou pelos seus verdugos, e perdoou aos seus torturadores (Lc 23,34). Por isso na nova aliança já não há textos imprecatórios, nem salmos maldizentes. E, apesar da opinião contrária de alguns teólogos, penso que a Igreja fez bem, ao eliminar da liturgia os versículos cheios de violência e ameaças, porque já não refletem o espírito da nova aliança.

Hoje temos que ser engenhosos para viver num mundo onde não haja inimigos, onde não precisemos de destruir ninguém violentamente, e onde só o amor pode ser utilizado como forma de convívio.

Conta-se que Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos, em certa ocasião pronunciou um memorável discurso a louvar um dos seus piores rivais políticos. Desconcertado por semelhante falta de tática, um assessor do seu partido advertiu-o: «Pensei que o Senhor Presidente queria destruir os seus inimigos.» E Lincoln respondeu: «Claro que os quero destruir: transformando-os em amigos.»

Quando, ao jeito dos salmos antigos, nos sentirmos tentados a pedir a Deus que castigue ou atue violentamente contra alguém que não nos agrada, lembremo-nos de que estamos numa nova aliança, na qual o fundamento é amar a toda a gente. E o único modo legítimo de destruímos um inimigo é convertê-lo em amigo.

Tradução / Lopes Morgado



## Tempo Comum



Parábola do sementeiro (Mateus 13,1-23) proclamada no XV domingo do Tempo Comum.

### da Santíssima Trindade ao XVII domingo comum

Marcelino Paulo Ferreira  
Pároco na unidade pastoral  
de Ferreiros, Sequeira e Vilaça – Braga

07 de junho  
SANTÍSSIMA TRINDADE

LEITURAS: 1ª Ex 34,4b-6.8-9. Salmo Dn 3, 52.53.54. 55.56 Rl Digno é o Senhor de louvor e de glória para sempre. 2ª 2 Cor 13,11-13. Evº: Jo 3,16-18. II Sem. Salt.

### “PARA QUE O MUNDO SEJA SALVO”

Ao retomar o «Tempo Comum», a Igreja celebra solenemente a grandeza do mistério de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo.

Os três versículos do evangelho segundo João pertencem ao diálogo de Jesus com Nicodemos, quando este, de noite, foi ao encontro de Jesus Cristo para ser iluminado.

Há quem afirme que estes versículos são uma síntese da teologia joanina.

O amor de Deus é uma realidade fundadora. A expressão «*não enviou... para..., mas para*» sublinha que a salvação está primeiro: Deus ama e quer salvar. Há uma absoluta gratuidade da parte de Deus na oferta do amor.

A missão do Filho é ser a encarnação histórica do amor divino. É enviado para mostrar que o único projeto divino é amar e dar vida. Assim o comprova o estilo de vida revelado na existência histórica de Jesus Cristo.

O amor gratuito de Deus é uma realidade universal. A palavra «*mundo*» exprime a totalidade da criação que é destinatária da salvação oferecida por Deus através do seu Filho, Jesus Cristo. Quem acredita e aceita este dom gratuito tem em si a «*vida eterna*», isto é, a salvação.

Deus não condena: ama sempre e em todas as circunstâncias. O ser de Deus é amor; por isso, não pode não amar. Mas o ser humano pode acolher ou recusar esta oferta de amor/salvação. Neste sentido, aceitar pela fé a revelação do rosto de Deus realizada em Jesus Cristo significa adquirir desde já, no presente, a salvação oferecida por Deus. A salvação é um dom divino. O ser humano é responsável pela decisão de aceitar ou recusar este dom de amor.

Rezar o texto de Daniel 3,52-56 conforme a proposta litúrgica deste domingo.

14 de junho

XI DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª Ex 19,2-6a. *Salmo* 100/99, 2.3.5. *Rl* *Nós somos o povo de Deus, as ovelhas do seu rebanho*. 2ª Rm 5,6-11. *Ev*º: Mt 9,36-10,8. III Sem. do Saltério.

### “ESTÁ PERTO O REINO DOS CÉUS”

Jesus Cristo dedicou grande parte do seu tempo ao contacto com pessoas «*fatigadas e abatidas*», marcadas pela fragilidade, paralíticos, cegos, mudos, doentes, também aos doentes espirituais chamados pecadores.

O Mestre deu exemplo e agora desafia os discípulos a misturarem-se com toda essa gente para proclamarem a proximidade do Reino dos Céus.

Em primeiro lugar, convida à oração para que não faltem trabalhadores na seara. É costume interpretar este pedido «como um convite a rezar pelas vocações sacerdotais ou religiosas, mas isso é redutivo. Significa muito mais: significa pedir a Deus que me envie a mim como operário da compaixão, que me envie como trabalhador da piedade, com um coração de carne, comer o pão das lágrimas com quem chora, beber o cálice do sofrimento com quem sofre, lutar contra o mal com quem luta para que o mal não saia vencedor» (Ermes Ronchi e Marina Marcolini).

Os «*Doze*» representam a continuidade com o povo da primeira aliança (as doze tribos de Israel) e são o fundamento da comunidade da nova e eterna aliança.

O programa missionário, estruturado à imagem da missão histórica de Jesus Cristo, compreende duas dimensões: palavra e ação, o anúncio do Reino e a realização dos sinais messiânicos.

Os discípulos de hoje recebem a missão de sempre: proclamar, com palavras e gestos, a proximidade de Deus. Eis o poder que nos é dado hoje por Jesus Cristo: o poder de nos fazermos próximos de cada pessoa.

*Rezar o Salmo 99 (100)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

21 de junho

XII DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª Jr 20,10-13. *Salmo* 69/68,8-10.14.17. 33-35. *Rl* *Pela vossa grande misericórdia, atendei-me, Senhor*. 2ª Rm 5,12-15. *Ev*º: Mt 10,26-33. IV Semana do Saltério.

### “NÃO TENHAIS MEDO”

O evangelho segundo Mateus, à imitação do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia), está estruturado em cinco grandes discursos colocados na boca de Jesus Cristo. Este fragmento pertence ao segundo discurso. A ordem dos discursos é a seguinte: montanha, missionário, parábolas, vida comunitária, escatologia.

Jesus envia os Doze em missão, recordando-lhes, de forma sintética, as opções fundamentais e propondo um estilo de vida repleto de confiança. Insiste três vezes: «*Não tenhais medo... não temais... não temais*». Hão de ser também estas as palavras ditas às mulheres, primeiro pelo Anjo e depois pelo Ressuscitado: «*Não tenhais medo... não temais*».

A **primeira exortação** lembra que nenhuma estratégia humana pode vencer a dinâmica do Reino. Já não há lugar para atitudes secretas e cobardes. Jesus Cristo dissipa as dúvidas e assinala inequivocamente o avanço do Reino dos Céus.

A **segunda exortação** reforça a coragem missionária, se necessário até ao martírio. Uma vez mais, o ponto de apoio está na confiança em Deus. A morte não atinge nem destrói a relação do crente com o Deus da vida.

Na **terceira exortação**, a comparação com os passarinhos põe em destaque o amor divino por todos os seres criados, mas em especial pela pessoa humana. Nada está fora do amor de Deus. O que há a temer?!

Os nossos medos derivam «de acreditarmos que Deus não nos ama» (*Valerio Albisetti*). Quem vive unido a Deus jamais é vencido pelo medo; antes, inundado de paz interior, louva a Deus com toda a sua vida.

*Rezar o Salmo 68 (69)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

28 de junho

XIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª 2 Rs 4,8-11.14-16a. *Salmo* 89/88,2-3. 16-17.18-19. *Rl* *Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor*. 2ª Rm 6,3-4.8-11. *Ev*º: Mt 10,37-42. I Semana do Saltério.

### “RECEBE AQUELE QUE ME ENVIOU”

O fragmento do evangelho, que se situa na parte final do «discurso missionário» (ver no domingo passado), pode ser dividido em duas partes unidas pela expressão central: «*Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou*». A primeira parte apresenta as exigências propostas a quem «*recebe*» Jesus Cristo; a segunda, as recompensas oferecidas a quem «*recebe*» os seus discípulos.

Segundo a biblista francesa Marie-Nöelle Thabut, a frase «visa fortalecer os apóstolos, como se lhes dissesse: “Tende coragem. Todos os riscos corridos por causa do Evangelho aproximam-vos de mim e de meu Pai”». É uma espécie de incentivo.

O acolhimento fundamental em que cada ser humano põe em jogo a sua existência é o seguimento de Jesus Cristo: acolher o seu estilo de vida.

Ser cristão é uma opção pessoal que compromete a totalidade da existência e até pode entrar em conflito com os laços familiares, por exemplo.

Não há horário nem condições. Quem não se entrega à missão a tempo inteiro, com plena disponibilidade, «*não é digno de Mim*» – declara Jesus Cristo por três vezes.

Seguir Jesus Cristo implica tomar a cruz. É uma evocação da fidelidade e do amor vividos pelo próprio Senhor até à morte, na cruz. Não se trata de uma prática ascética ou qualquer remissão masoquista. A cruz não é o objetivo, mas pode ser uma consequência! O que está em causa é, à semelhança do Mestre, a fidelidade e o amor vividos sem reservas nem limites.

*Rezar o Salmo 88 (89)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

05 de julho

XIV DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª Zc 9,9-10. *Salmo* 145/144,1-2.8-9.10.-11.13cd-14. *Rl* *Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor, meu Deus e meu Rei*. 2ª Rm 8,9.11-13. *Ev*º: Mt 11,25-30. II Semana do Saltério.

### “MANSO E HUMILDE DE CORAÇÃO”

A leitura contínua do evangelho segundo Mateus faz a passagem do discurso missionário (domingo passado) para o discurso das parábolas (próximo domingo) com o texto intermédio proclamado hoje, que alguns designam o «magnificat» de Jesus Cristo.

O fragmento começa com uma ação de graças que Jesus dirige ao Pai, porque Ele tem uma primordial preferência pelos «*pequenos*»; estão antes dos «*sábios e inteligentes*».

Na segunda parte, em consonância com a anterior, Jesus Cristo, «*manso e humilde de coração*», surge como único caminho para conhecer o Pai.

O Filho une “aprender” e “coração”: «*Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração*». A aprendizagem enraíza-se no coração; ou, por outras palavras, no modo de amar. O mestre-escola é o coração «*manso e humilde*».

Ser cristão é um desafio para toda a vida, que tem como ensino básico a frequência na ‘escola’ do coração de Jesus Cristo «*manso e humilde*»: a partir do coração aprende-se o sentido pleno da vida; mansidão e humildade indicam a atitude misericordiosa que há de orientar uma vida cristã.

«Quando recebemos o alívio e a consolação de Cristo, por nossa vez somos chamados a tornar-nos alívio e consolação para os irmãos, com atitude mansa e humilde, à imitação do Mestre. A mansidão e a humildade do coração ajudam-nos não apenas a carregar o fardo dos outros, mas também a não pesar sobre eles com os nossos pontos de vista pessoais, os nossos juízos, as nossas críticas ou a nossa indiferença» (*Papa Francisco, Angelus de 6 de julho de 2014*).

*Rezar o Salmo 144 (145)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo*

12 de julho

XV DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª: Is 55,10-11. *Salmo* 65/64,10abcd.10e-11.12-13.14. *Rl* *A semente caiu em boa terra e deu muito fruto*. 2ª: Rm 8,18-23. *Ev*: Mt 13,1-23. III Semana do Saltério.

### “A VÓS É DADO A CONHECER”

A **parábola do semeador** marca o início do capítulo treze do evangelho segundo Mateus, no qual estão agrupadas sete parábolas (a primeira é proposta neste domingo; nos próximos domingos, três de cada vez). É o discurso das parábolas, breves relatos para dar a conhecer a novidade de Deus: «*a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos Céus.*»

Jesus Cristo fala em parábolas para estimular a reflexão. A partir da natureza e de situações concretas da vida quotidiana, sugere consequências práticas. Não lhe interessam os ouvintes passivos. A linguagem parabólica interpela e inquietta, oferece uma variedade de interpretações que, sem forçar o texto, lhe dá uma grande riqueza de significados para a reflexão do ouvinte

Kafka dizia que as parábolas «querem dizer, no fundo, que o inexplicável é inexplicável». Não se trata de assumir o sentido literal ou lançar-se na procura de um hipotético verdadeiro e único sentido, mas de se deixar guiar pela novidade que provoca no aqui e agora de cada um dos leitores/ouvintes.

A disponibilidade do ouvinte determina a qualidade e a abundância do fruto. Cada parábola fala-nos, «como falava aos ouvintes de Jesus há dois mil anos. Ela recorda-nos que nós somos o terreno onde o Senhor lança incansavelmente a semente da Palavra e do seu amor. Com que disposições a acolhemos? [...] Com qual dos terrenos ele se assemelha: uma estrada, um terreno pedregoso, um arbusto? Depende de nós, tornar-nos um terreno bom ou sem espinhos nem pedregulhos, mas desbravado e cultivado com esmero, a fim de poder produzir bons frutos» (*Papa Francisco*).

*Rezar o Salmo 64 (65)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

19 de julho

XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª: Sb 12,13.16-19. *Salmo* 86/85,5-6.9-10.15-16a. *Rl* *Senhor, sois um Deus clemente e compassivo*. 2ª: Rm 8,26-27. *Ev*: Mt 13,24-43. IV Semana do Saltério.

### “O CAMPO É O MUNDO”

As três parábolas de hoje começam com a mesma introdução: «*O reino dos Céus pode comparar-se...*». Esta frase inicial aplica-se ao próprio Deus: “A maneira de ser e de agir de Deus pode comparar-se...”. É este o sentido que Jesus Cristo quer transmitir aos seus ouvintes. Cada uma das parábolas esboça uma característica de Deus.

A **parábola do trigo e do joio** reflete a situação da Igreja no mundo e a dificuldade que às vezes temos em saber aplicar o critério divino à situação concretas. Não é nossa competência fazer a separação entre bons e maus!

As parábolas seguintes (**grão de mostarda e fermento**) ilustram esse critério divino que não faz ruído, não é estridente; antes, com descrição, faz prevalecer toda a sua grandeza e beleza.

De novo, como na parábola do semeador (domingo passado), os discípulos aproximam-se de Jesus para compreender «*a parábola do joio no campo*». É preciso ter cuidado para não cair na tentação de querer dar a volta para inventar um sentido que não implique mudança de vida.

Jesus Cristo recorda que a dinâmica do Reino acontece num mundo ambíguo, onde o bem e mal surgem misturados, mas, no final, tudo será plenamente iluminado à luz divina. Não há que estranhar ou ter medo!

Deus atua no silêncio, de dentro para fora. O seu agir tem um princípio ativo tão vigoroso que o pouco é transformado em muito. Mas isto requer encarnação, ou seja, mergulhar no mundo para o contagiar com a misericórdia e o amor.

*Rezar o Salmo 85 (86)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

26 de julho

XVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

**LEITURAS:** 1ª: 1 Rs 3,5.7-12. *Salmo* 119/118, 57.72. 76-77.127-128.129-130. *Rl* *Quanto amo, Senhor, a vossa lei!* 2ª: Rm 8,28-30. *Ev*: Mt 13,44-52. I Semana do Saltério.

### “ENTENDESTES TUDO ISTO?”

O texto do evangelho de hoje encerra o «discurso das parábolas» que preenche o capítulo treze de São Mateus. Desta feita, Jesus Cristo afirma que o «*o reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo... a um negociante que procura pérolas preciosas... a uma rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes.*».

As **parábolas do tesouro e da perola** destacam a alegria que leva a vender o que se tem e a desprender-se de todos os bens para alcançar um tesouro maior encontrado. É a «alegria do Evangelho» que «enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus» (*EG 1*). A leitura diária dos evangelhos ilumina a busca do tesouro e aproxima-nos da verdadeira alegria.

A **parábola da rede lançada ao mar**, apesar de ser parecida com a do trigo e do joio (ver domingo passado), nas quais se mostra que o mal e o bem andam juntos, não se centra na paciência e na oportunidade de conversão oferecida ao ser humano, mas aponta o juízo no final dos tempos. E só há referência ao que sucederá com os maus! A ameaça serve de pretexto para incitar o ouvinte a viver segundo os ensinamentos de Jesus Cristo.

Ao contrário de outras, nestas parábolas os discípulos não precisam de explicação: «*Entendestes tudo isto? [...] Entendemos.*». No evangelho segundo Mateus, o entender/compreender está associado à escuta e ao compromisso com a prática dos ensinamentos. Entender é encontrar e valorizar «*coisas novas e coisas velhas*» no tesouro da nossa vida.

*Rezar o Salmo 118 (119)  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.*

## ORAÇÃO DOS BISPOS DA EUROPA para o tempo de pandemia

Deus Pai, Criador do mundo,  
omnipotente e misericordioso,  
que por nosso amor  
enviaste o teu Filho ao mundo  
como médico dos corpos e das almas,  
olha para os teus filhos  
que neste momento difícil  
de desorientação e consternação  
em muitas regiões da Europa  
e do mundo  
se voltam para Ti  
em busca de força, salvação e alívio.

Livra-nos da doença e do medo,  
cura os nossos doentes,  
conforta os seus familiares,  
dá sabedoria aos nossos governantes,  
energia e recompensa aos médicos,  
enfermeiros e voluntários,  
vida eterna aos defuntos.

Não nos abandones  
neste momento de provação,  
mas livra-nos de todo o mal.

Tudo isto Te pedimos, ó Pai  
que, com o Filho e o Espírito Santo,  
vives e reinas pelos séculos dos séculos.  
Ámen.

Santa Maria,  
Mãe da saúde e da esperança,  
roga por nós!



## Trindade, de Rublëv

No aparecimento dos três homens a Abraão junto do carvalho de Mambré (Gn 18,1-15), muitos Padres da Igreja viram uma prefiguração da revelação do mistério da Santíssima Trindade.

frei António-José d'Almeida, OP / Convento de Cristo Rei, Porto

**O** ícone que vamos analisar é intitulado *Trindade* (só no original se percebe a inscrição). Foi realizado pelo celeberrimo iconógrafo russo André Rublëv [ler: Rublyóf], 1360-1430.

Parte da representação da Hospitalidade de Abraão; mas, omitindo as figuras secundárias de Abraão e Sara, concentra-se na representação dos **três anjos**. Estes estão sentados à **mesa**, figurada como altar da liturgia bizantina. Os três têm asas e seguram na mão esquerda um **cetno** em forma de bordão de peregrino. Como se pode ver nos dois laterais, os três anjos estão sentados em **tronos**, com os pés sobre escabelos, envoltos numa **circunferência** imaginária que indica a unicidade de Deus.

Sobre a mesa-altar está uma taça com uma cabeça de vitelo no interior (alusão ao **Cordeiro de Deus**). As linhas internas dos dois anjos laterais formam um **cálice**, dentro do qual está o anjo do centro. Uma linha imaginária, unindo os olhos dos três anjos, forma o rebordo posterior desse cálice. O caráter eucarístico da represen-

tação é bem patente. O iconógrafo não colocou inscrições a identificar cada um dos anjos com uma das Pessoas divinas: a perfeita igualdade dos rostos dos três indivíduos pretende sublinhar a perfeita igualdade entre as Pessoas da Trindade.

No cenário atrás dos anjos e num plano superior a eles, o nosso iconógrafo pintou, da esquerda para a direita, o pórtico de uma **casa** (indicando a tenda de Abraão), uma **árvore** (o carvalho de Mambré), e uma **montanha** (o monte Moriá). Estes elementos ajudam a identificar cada uma das Pessoas divinas figuradas pelos anjos: o da nossa esquerda, figura o **Pai**: «*Em casa de Meu Pai há muitas moradas*» (Jo 14,2a); o do centro, dentro do cálice, figura o **Filho**: morto na árvore da cruz, a árvore da vida; e o da nossa direita, figura o **Espírito Santo**: o Senhor manifestou-se a Elias no monte Horeb, numa brisa suave (ver 1 Rs 19,12b).

**As cores** escolhidas para as vestes dos anjos adequam-se a cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade aqui figurada. Como nos ícones do Pantocrator, para cujo posto na iconos-

tase (à direita das portas régias) este ícone foi realizado, o **Filho**, ao centro, enverga uma túnica vermelha-escarlate: indica a natureza humana assumida pelo Verbo de Deus; a cor azul-celeste do manto em que este se envolve indica a natureza divina que Ele deu a conhecer, e que partilha com as duas outras Pessoas divinas, figuradas pelos anjos laterais, os quais envergam túnicas com essa cor. O manto do **Pai** é de cor indefinida, indicando que Ele permanece na luz inacessível (ver a *Oração Eucarística IV*). O verde do manto do **Espírito Santo** indica-O como água viva (Jo 4,10; 7,38c-39a; Ap 22,1); a mão direita deste anjo tem a forma de uma asa de pomba, que paira sobre o mundo, indicado pelo duplo retângulo ao centro do lado visível do altar.

O Filho faz com a mão o mesmo gesto de bênção do Pai (Jo 5,19). Tanto o Filho como o Espírito olham para o Pai, fonte eterna da divindade, indicando que ambos d'Ele procedem: o Filho por geração e o Espírito por espiração. A imobilidade dos anjos indica que esta processão no seio da Trindade é eterna.

Andrei Rublëv, *Santíssima Trindade*, 1410?. Têmpera sobre madeira, 142 x 114cm. Galeria Tretyakóv, Moscovo, nº inv. 13012.



## A beleza da Vida

Pelo ano de 1997, “os sabores do café” com os jovens, no 1º andar da paróquia, eram os tempos livres mais criativos. Às 17 de sábado, lá estavam eles, cada vez mais interessados e em maior número.

Fr. César Pedrosa Pinto

**N**o primeiro encontro, aquele jovem tirou da bolsa um livro de Torga. Capa singela e leitura interessante. A conversa fluiu livremente. Fiquei bem impressionado, pois os jovens falam ou não, segundo o nível de confiança que houver. Este do livro apresentou-se:

– Eu nasci em Lisboa, mas os meus pais são trasmontanos. É bom a gente conhecer as raízes da família, para crescer.

O desafio estava lançado. Cada qual podia inovar na sua apresentação e lançar o barco, com a terra à vista ou no alto-mar. Este fechou assim o encontro, de sorriso sempre presente:

– Aproveitando a liberdade deste nosso espaço, sugeria que no próximo “café” mostrássemos uma “**ideia inspiradora**” da obra de Torga. E no “café” seguinte pareceu consensual sintetizar assim a obra de Miguel Torga: **«A vida só tem a beleza que a tua tiver.»**

Num dos “cafés” de junho fez-se a aferição do caminho andado. Os jovens já percebiam que a pastoral juvenil é parte de um todo, a comunidade, com todas as veias etárias como numa família, onde o sangue juvenil também podia circular. Aproximavam-se as férias de verão, e o nosso jovem apresentou a proposta, em conjunto com duas amigas também jovens, de animarem um grupo de crianças da catequese. Feito o curso de pedagogia, em setembro as guitarras dos “sabores” estavam com as crianças.

Como pretendo fixar-me no mesmo jovem, do princípio ao fim da Crónica, convido o leitor a não o perder de vista. Em junho, na recolha dos frutos do trabalho do ano, o nosso jovem trouxe-



-me um bilhete-convite para assistir à sua atuação pública ao piano. Recebi-o com muito gosto, e o ginásio do Colégio dos Irmãos Maristas ficou iluminado com a música de Mozart. Entretanto, os “sabores do café” multiplicaram-se. E nasceu o jornal “**Calhariz Jovem**”, organizado, paginado, dirigido e distribuído pelos jovens. O nosso jovem foi o seu 3º diretor, quando se dispunha a terminar a sua formação académica em arquitetura. Depois foi para Bilbao, trabalhar numa empresa internacional espanhola na elaboração e direção de projetos habitacionais, desportivos e culturais em Espanha (Bilbao e Vitória), na Arábia Saudita, em França e no Chile.

Como bom filho de trasmontanos, guardou sempre consigo o ideal de construir a sua vida aberta ao mundo a partir da raiz. Nos seus últimos dias tinha o pelouro do Urbanismo e Espaços Verdes na Junta de Freguesia das Avenidas Novas. No início de dezembro, em noite de derrocada residencial, foi chamado para encontrar saídas de esperança às pessoas desalojadas.

Fora de horas, recebo a chamada de um amigo comum, a 400km de distância: “O amigo Ricardo morreu. Um embate brutal, às 00:30 da madrugada, matou-o quando estava parado no semáforo em frente do Hospital de Santa Maria, de regresso a casa.” “Muito obrigado. Não me digas mais. Amanhã estarei em Lisboa.”

Na Missa de Exéquias, muitos amigos estavam presentes diante do seu corpo: de Bilbao, Barcelona, Londres, Braga, Porto, Vila Real, Foz-Tua, Aveiro, Covilhã, Fátima, Sintra e muitos de Lisboa. E uniram-se num coral para a Eucaristia. A igreja do Calhariz de Benfica estava cheia, como o Ricardo a tinha visto em dias de festa.

Em várias línguas, culturas, lágrimas e respirações contidas, quiseram pessoalmente dizer-lhe, abraçando os Pais e a Irmã: **“Muito obrigado, Ricardo, pela beleza da tua vida** num sorriso sempre jovem. Até breve. Havemos de fazer uma grande festa na Casa do Pai.”

## SANTO ANTÓNIO E OS PRIMEIROS MÁRTIRES FRANCISCANOS DE MARROCOS

### Ano Jubilar

**E**ntre 12 de janeiro de 2020 e 17 de janeiro de 2021, Coimbra celebra o Ano Santo de Santo António de Lisboa e dos Mártires de Marrocos. Concretamente, a chegada ao Mosteiro de Santa Cruz das relíquias dos cinco frades franciscanos, enviados por S. Francisco de Assis para o Norte de África, a ordenação de Santo António e a sua entrada na Ordem Franciscana, passando daquele Mosteiro para o Convento de Santo António dos Olivais.

No dizer do Bispo diocesano, D. Virgílio do Nascimento Antunes, «Coimbra não podia ficar indiferente a esta efeméride nem a esta figura, que se orgulha de contar entre os seus vultos do passado».

Por isso, e em ordem a aproveitar a graça do Jubileu concedido pelo Papa Francisco, em 14 de dezembro de 2019 D. Virgílio publicou uma Nota Pastoral, que reproduzimos aqui, omitindo alguns números e parágrafos mais voltados para as opções pastorais daquela diocese.

Os nossos objetivos são os mesmos propostos na INTRODUÇÃO ao documento: «que o Ano Santo constitua uma forte motivação para

- **revigorarmos a fé** em que Santo António acreditou;
- **entusiasmar-nos para o anúncio** do Evangelho que ele proclamou;
- **agirmos para edificar a Igreja** que ele amou e
- **trabalharmos para fundamentar**, em alicerces firmes, a sociedade que influenciou, com a sua vida e a sua doutrina.»

Estes objetivos são retomados na CONCLUSÃO, onde o Bispo agradece os muitos apoios re-

cebidos para a realização desta iniciativa: «que o Ano Jubilar de Santo António e dos Mártires de Marrocos constitua um forte incentivo para a renovação da Igreja, para o fortalecimento da fé das comunidades da Diocese de Coimbra e seja semente de novos cristãos.»

Lopes Morgado

Cartaz do Jubileu Antoniano, em 2020.





Fachada da igreja de Santa Cruz, em Coimbra.

## 800 ANOS de Santo António franciscano e dos 5 primeiros mártires franciscanos

18

D. Virgílio do Nascimento Antunes / Bispo de Coimbra

Santo António e os Mártires

### BREVES DADOS BIOGRÁFICOS

Nascido em Lisboa, entre 1191 e 1195, foi batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões e naquela cidade iniciou os seus estudos. Ainda muito jovem, partiu para Coimbra e ali, seguindo a Regra de Santo Agostinho, no Mosteiro de Santa Cruz, formou-se ao mais alto nível nas ciências sagradas.

Já franciscano, partiu com destino a África com a ânsia de anunciar o Evangelho, à semelhança dos cinco franciscanos que conhecera em Coimbra com o mesmo destino e que acabaram por passar novamente pela mesma cidade, na condição de mártires da fé.

Acabou por chegar a Itália, tendo desenvolvido grande atividade de pregador e professor de teologia, também no Sul de França. Morreu em Pádua em 1231, com generalizada fama de santidade e a canonização, pelo Papa Gregório IX, teve lugar no dia 30 de maio de 1232, fixando-se a festa litúrgica anual no dia 13 de junho. Dali a sua

fama, devoção e culto foi crescendo e chegou a todo o mundo, onde é venerado como homem e como santo, sendo uma das personalidades mais marcantes da história de Portugal e da Igreja.

Foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio XII, em 1946, num justo reconhecimento da sua condição de grande intelectual do seu tempo e da importância dos seus escritos para a formação cristã do Povo de Deus.

### SANTO ANTÓNIO DE PORTUGAL DA IGREJA E DO MUNDO

Santo António é uma figura incontornável da história da Igreja, da história de Portugal e da história de Coimbra. Em Lisboa nasceu para a vida e para a fé; em Coimbra tornou-se franciscano e sacerdote; em Pádua fez-se a figura universal que conquistou o mundo pelas suas palavras e obras, a ponto de ser declarado Santo e Doutor da Igreja.

Ele não precisa do nosso reconhecimento, pois já o teve ao mais alto nível; também não precisa dos nossos louvores, porque se dedicou totalmente a glorificar a Deus e a encaminhá-los para Cristo. Nós, sim, precisamos de reencontrar na sua pessoa, nas suas palavras e no seu testemunho de vida a inspiração para o tempo presente da Igreja e da sociedade, sempre à procura de novas vias de realização, ancoradas em fundamentos sólidos e perenes. [...]

### ALGUNS DESAFIOS DO JUBILEU

Ano jubilar é tempo de recomeçar para os que, porventura, andam afastados de Deus; de fortalecimento no caminho da conversão para os que se sentem desalentados na fé; de renovação da alegria de acolher o Evangelho para quem se sente a viver do espírito do mundo; de enraizamento em Cristo para os que ficaram sem fundamentos sólidos para a sua vida e ação, nos vários campos da atividade humana ou social em que se movem.

De acordo com a tradição bíblica, bem expressa no Livro do Levítico e desenvolvida pela Igreja, o Jubileu é sempre uma oportunidade de recomeçar que o Senhor oferece a cada membro do Seu Povo e a toda a Assembleia dos convocados. O nosso tempo, que foi perdendo de forma acentuada o sentido da fé em Deus, que se tornou muito indiferente à centralidade de Jesus Cristo e em que o sentido de pertença à Igreja está muito diluído, precisa de recomeçar.

Tendo em conta o passado, com tudo o que fez parte dele, coisas boas e más, precisamos de um tempo novo, de ideais mobilizadores da comunidade cristã, de radicalidade na resposta ao Deus que se nos oferece continuamente como fonte de esperança e possibilidade de futuro. [...]

### O desafio da evangelização

Santo António distinguiu-se por ser um apaixonado pela evangelização, num tempo em que os desafios ao cristianismo eram muito grandes: Portugal e a Europa enfrentavam agora uma alternativa religiosa e cultural que punha em causa a fé cristã e o Evangelho. Imbuído pela men-

sagem de Jesus, que tomara o seu coração e a sua vida, sentiu que não podia ficar tranquilo no silêncio do mosteiro, mas tinha de dar tudo, expondo-se inclusivamente à possibilidade de perder a vida por causa do Evangelho e da humanidade a quem ele havia de chegar.

A chegada a Coimbra das relíquias dos Mártires de Marrocos, em vez de provocarem nele o medo de dar a vida, incentivaram-no a fazer dessa oferta o seu ideal mais alto. [...] A ação evangelizadora de Santo António não consistiu em lutar contra ninguém, mas em propor com energia a mensagem de Cristo que já o havia conquistado a si mesmo e se tornara a fonte primeira da sua alegria, a esperança fundada da salvação de toda a humanidade.

Tempos diferentes, circunstâncias diversas, mas o mesmo mandato de Jesus a cruzar os séculos e a manter-se atual nos dias de hoje. O Evangelho que não morre continua a ser proposta para a humanidade de hoje; a ânsia de uma palavra salvadora faz parte das muitas sedes que é preciso saciar; as ofertas de caminhos de salvação são, hoje, muitas, mas continuam a não ter uma resposta cabal. O Evangelho, porque é palavra intemporal e expressão de Jesus Cristo, a Palavra feita Carne para dar a vida ao mundo, não tem substituto em nada que seja simplesmente humano e terreno.

Numa sociedade religiosa do passado ou numa sociedade secularizada do presente, persiste a urgência de evangelizar. Acresce a dificuldade de estarmos num mundo fechado ao transcendente e aparentemente satisfeito com a idolatria de si mesmo, mas que se vê submergido por toda a espécie de sinais de morte, que põem em causa a vida humana e os equilíbrios da natureza, ou as razões para crer, esperar e amar. Mais do que nunca, sente-se a necessidade de evangelizar o interior do ser humano, as suas conquistas científicas e técnicas, as relações sociais, económicas e políticas, e até a própria religiosidade cristã vivida no espaço eclesial.

Não seremos capazes de evangelizar se não nos deixarmos encontrar por Cristo, nesse encontro pessoal que está na origem da fé e que nos introduz no dinamismo de uma vida conduzida por Ele. Também não evangelizamos, se não

conhecemos a humanidade nas suas grandezas e misérias, nas suas aspirações e fracassos, que anseiam por novos caminhos de salvação. Não evangelizaremos, ainda, se não nos abirmos aos dinamismos do Espírito Santo, que oferece à comunidade cristã a linguagem, os carismas e os métodos adequados ao nosso tempo e que dão continuidade à tradição viva da Igreja. [...]

Santo António que, não podendo ir para as terras de África, como desejou, percorreu os longos caminhos do Sul da Europa a anunciar o que viu e ouviu no encontro com Cristo, convoca [...] para uma nova etapa evangelizadora e acompanha, com a sua intercessão, a nossa alegria e entusiasmo de seguir o seu exemplo.

### O desafio da espiritualidade

A espiritualidade alicerçada na Regra de Santo Agostinho e depois nas fontes franciscanas caldearam o interior de Santo António, o homem e o cristão, que veneramos oito séculos depois. Cultivou o conhecimento, a sabedoria e os demais dons do Espírito Santo com todo o interesse, pois precisava deles para a sua vida cristã e para ajudar os outros, no caminho da fidelidade ao mesmo Espírito que a ele mesmo conduzia.

Mais uma vez, as relíquias dos Mártires de Marrocos tê-lo-ão ensinado a enraizar a vida no Espírito e a conhecer o que significa a radicalidade evangélica. Diante daqueles que deram a vida por Cristo e pelo seu Evangelho, as palavras da Escritura soaram muito alto dentro de si: «*Quem não tomar a sua cruz para me seguir, não é digno de mim. Aquele que conservar a vida para si, há de perdê-la; aquele que perder a sua vida por causa de mim, há de salvá-la*» (Mt 10,39).

A passagem para a Ordem Franciscana, ainda nos seus alvares, é sinal deste apelo à vivência da radicalidade evangélica de Jesus, o Mestre, tão bem interpretada e literalmente acolhida por S. Francisco de Assis.

A admirável disponibilidade de Santo António para rumar às terras do Norte de África só pode compreender-se a partir do seu encontro com a tradição espiritual cristã, que conhece o martírio como a forma mais perfeita de seguir Cristo na fidelidade, pois leva à união com Cristo, selada com

a própria morte. Os mártires são as testemunhas de Cristo por excelência e imitam, na sua vida, o amor com que Ele se ofereceu pela humanidade, de tal modo que o culto dos santos na Igreja começou precisamente pelo culto dos mártires.

Ao longo de toda a história da espiritualidade cristã sempre se entendeu que o verdadeiro testemunho de Cristo e do seu Evangelho inclui a disponibilidade para dar a vida ou para o martírio. As perseguições aos cristãos ainda não acabaram e vão renascendo em lugares concretos, tornando-se o maior dos desafios e a prova de fogo para a fortaleza da fé. [...]

Na esperança de que entre nós não reapareçam as perseguições que levam ao derramamento de sangue, não deixamos de estar, hoje, sujeitos a muitas provações: as que nascem dentro de nós e são fruto dos nossos egoísmos; as que crescem dentro da própria Igreja e são consequência da sua infidelidade e pecado; as que nos chegam a partir de uma sociedade e uma cultura secularista.

Estamos diante do desafio de dar testemunho da nossa fé e da nossa esperança, perante a possibilidade de uma rejeição civilizada ou de uma perseguição cultural e ideológica bárbara. Há realidades que podem não ferir o corpo, mas ferem a alma e calam bem fundo no coração e na consciência onde se decide os caminhos a seguir, mas também onde habitam os medos de ser diferente e agir de modo diferente. Apesar de as sociedades modernas terem um discurso forte contra todas as discriminações, não raro dão lugar a outras, entre as quais se pode contar a discriminação social e cultural dos cristãos.

Será grande a graça do Jubileu se nos levar a um maior enraizamento no Espírito Santo, capaz de nos ajudar a progredir na santidade, o caminho do cristão, e a dar início a um tempo novo, marcado por uma atitude mais evangélica diante da vida e dos desafios quotidianos. [...]

### O desafio da renovação cultural

O percurso formativo inicial de Santo António, ainda em Lisboa, tanto na Catedral como no Mosteiro de S. Vicente de Fora, e a formação complementar na Sagrada Escritura, na Teologia e nas Ciências Sagradas que obteve no Mosteiro

de Santa Cruz de Coimbra foram-lhe dando os fundamentos necessários para um enraizamento cristão, cultural e espiritual, que perduraram harmoniosamente por toda a vida. [...]

Santo António, discípulo fiel de S. Francisco de Assis, terá aprendido do seu mestre a arte da busca da verdade alicerçada no encontro entre a fé e a razão, no diálogo com os que pensam de modo diferente e no respeito por todos e cada um. A peregrinação de S. Francisco à Terra Santa e ao Oriente, onde teve a possibilidade de contactar com o Sultão do Egito e outras autoridades religiosas, manifestou a sua abertura de espírito e os seus sentimentos de respeito pelos outros. Aquele diálogo querido e realizado com mundivências diferentes da sua, teve como finalidade encontrar alternativas de paz, no meio de uma lógica de terror e guerra instaurada no mundo do seu tempo.

A paz está dependente de muitos fatores, e entre eles conta-se certamente o diálogo cultural e religioso, que assenta no respeito pelo princípio da dignidade da pessoa humana, com os consequentes direitos e deveres, e nos valores fundamentais, como são a vida, a paz, a verdade, a liberdade, a justiça, a solidariedade e a caridade.

De entre os muitos pontos que não de ser considerados neste caminho de encontro e diálogo, encontram-se as questões ligadas à ética, muito frequentemente lugar de fraturas profundas. De igual modo, as relações ecuménicas e o diálogo inter-religioso precisam de estar na ordem do dia, para que sejam elemento decisivo na construção de um mundo mais coeso e fator decisivo na construção da paz. [...]

### O desafio da vocação cristã e das vocações na igreja

Santo António abraçou a sua vocação cristã desde muito cedo, de tal modo que já enquanto jovem tinha o desejo de servir a Deus e a sua Igreja. A vida consagrada apareceu-lhe como a forma específica de viver a sua condição de cristão, de modo que fez o percurso de consagrado, que o levou à ordenação sacerdotal, por volta de 1220. O jubileu assinala também o oitavo centenário da ordenação, acontecimento que marcou toda a sua vida daí em diante. [...]

Celebramos o Jubileu da ordenação sacerdotal de Santo António, num contexto muito concreto que deverá ajudar-nos a relançar, de forma nova e interpelante, a missão da evangelização dos jovens. Estamos no período pós-sínodo sobre os jovens e na recepção da Exortação Apostólica *Cristo Vive*; começamos a preparar a Jornada Mundial da Juventude 2022, de Lisboa. [...] Em tudo isto estaremos centrados nos jovens, na sua formação na fé e no seu discernimento vocacional. [...]

O conhecimento mais completo da vocação, da vida e da ação de Santo António, únicas e irrepetíveis, são, com certeza, inspiradoras e motivantes para os mais novos. [...] Tudo isso pode contribuir para uma nova era no que respeita à educação da fé dos jovens e a criarmos na Diocese uma cultura vocacional mais vencedora. [...]

### O desafio da renovação da piedade popular antoniana

[...] Se tudo o que se faz em Igreja deve ter um marcado significado evangelizador, também as manifestações de piedade popular antonianas devem revestir-se desse caráter. A festa deve levar à evangelização; a liturgia deve levar à comunhão com Deus e com a Igreja; o convívio deve ajudar a aprofundar os valores testemunhados pelo patrono; a alegria do encontro deve proporcionar a experiência espiritual própria dos crentes; e as manifestações culturais devem estar ao serviço da difusão dos valores humanos e cristãos que deram forma à sua pessoa e à sua vida.

De grande alcance pode ser o aproveitamento da tradição ligada à sua caridade e à solidariedade para com os pobres, expressas na distribuição do pão e nos gestos de partilha fraterna com o próximo ou com as necessidades da comunidade. A elaboração dos programas das festas de devoção e demais manifestações de piedade popular antoniana procurarão respeitar a sua identidade cristã e promover os valores do diálogo, do encontro, da fraternidade e da paz.

Não há melhor forma de honrar os que nos precederam na fé do que dar continuidade ao projeto de vida que os animou, no seguimento de Cristo, no caminho de santidade e no amor aos irmãos.

## Antônio do Mundo inteiro

Letra: frei Miguel de Negreiros

Música: frei Acílio Mendes

**Refrão**

An - tó - nio do Mun - do in - tei - ro, Ó pri -  
 mei - ro em san - ti - da - de. Do E - van -  
 ge - lho men - sa - gei - ro E lu - ze - ro da Ver -  
 da - de! Do E - van - ge - lho men - sa -  
 gei - ro E lu - ze - ro da Ver - da - de!

**Estrofe**

1. Lis - bo - a te viu nas - cer E cres -  
 cer Co - mo cris - tão. Em Coim - bra fos -  
 te a - pren - der A a - cen - der o teu cla -

rão! San - ta Cruz te i - lu - mi -  
 nou, Con - sa - grou a tu - a vi - da.  
 O E - van - ge - lho te cha - mou E in - di -  
 cou ou - tra par - ti - da!

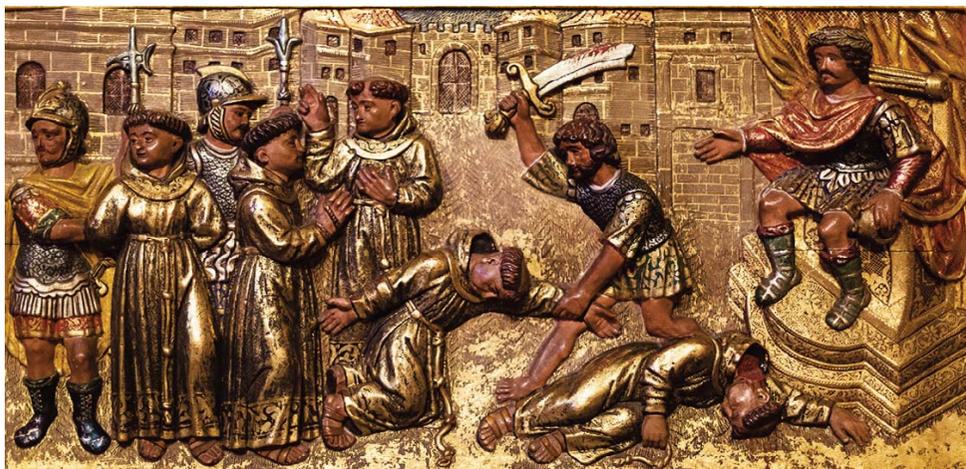
**5ª Estrofe e Fim**

- vor: No Céu, na Ter - ra e no Mar!

- |   |  |
|---|--|
| <p>2. Peregrino do Senhor,<br/>                 Com amor Deus te mostrou<br/>                 Do pobre Francisco o ardor<br/>                 E o calor que te inflamou!<br/>                 Do martírio a paixão,<br/>                 Vocaçao celestial,<br/>                 Conquistou teu coração,<br/>                 E a Missão foi teu ideal.</p>               | <p>3. De Marrocos para Assis:<br/>                 Aprendiz de Paz e Bem.<br/>                 Servo humilde e irmão feliz,<br/>                 Deus te quis mestre também.<br/>                 A Palavra do Senhor<br/>                 Com amor anunciaste.<br/>                 Ao herege e ao pecador<br/>                 Deus-Amor tu revelaste!</p> |
| <p>4. Em Pádua, teu palco e altar,<br/>                 Sem cessar foste o profeta<br/>                 Da nova Europa a brotar,<br/>                 A acordar p'ra nova meta!<br/>                 O Mundo inteiro escudou,<br/>                 Meditou a tua mensagem.<br/>                 Nova Igreja despontou:<br/>                 Reencontrou a sua imagem!</p> | <p>5. Franciscano, Irmão Menor,<br/>                 Pregador iluminado.<br/>                 De inocentes Defensor,<br/>                 Mediador e Advogado.<br/>                 Evangélico Doutor:<br/>                 O maior: mais popular.<br/>                 Todos querem teu favor:<br/>                 No Céu, na Terra e no Mar!</p>          |

## Os cinco primeiros mártires franciscanos

Francisco de Assis inaugurou «uma nova primavera missionária na Igreja da Idade Média» (*Kajetan Esser*<sup>1</sup>). O Irmão Menor, no seguimento de Cristo pobre e crucificado, nada guarda para si, nem a própria vida: «E todos os irmãos... lembrem-se que a si mesmos se deram e entregaram seus corpos a nosso Senhor Jesus Cristo, e que por seu amor se devem expor aos inimigos visíveis e invisíveis» (*1ª Regra 16,10-11*).



Daniel Teixeira, OFM

Os cinco primeiros santos mártires franciscanos, em Marrocos, há 800 anos.

**E**stamos no tempo quente das Cruzadas: no Oriente, para resgatar o Santo Sepulcro; no Ocidente, para travar o avanço dos muçulmanos, que desde 711 se tinham instalado em Sevilha. E Francisco de Assis forma os seus irmãos na escola do Evangelho.

Eis o seu método missionário: «E os irmãos que partem, de dois modos podem viver espiritualmente entre si. O primeiro é não abrirem debates nem discussões, mas mostrarem-se submissos a toda a humana criatura por amor de Deus e confessarem que são cristãos.

O outro modo é que, quando julgarem ser do agrado do Senhor, anunciem a palavra de Deus» (*1ª Regra 16,6-7*).

### De Itália a Coimbra e Marrocos

No Capítulo Geral do Pentecostes de 1219, em Santa Maria dos Anjos, «organizaram-se pela primeira vez as *missões entre os infieis*» (*Lázaro Iriarte*<sup>2</sup>). O biógrafo Tomás de Celano atesta que Francisco «não conseguia ter paz... partiu para a Síria... não temeu apresentar-se diante do Sultão» (*Vida Primeira 57,6-10*).

A Marrocos, «por vontade de Deus, enviou seis dos seus frades mais aproveitados em virtude, para ali pregarem a Fé católica aos infieis» (*Crónica dos XXIV Gerais*, in *Analecta Franciscana III*, 15). São eles: Frei Vital, Frei Berardo de Carbio, Frei Pedro de Gimignano, Frei Otão, Frei Acúrcio e Frei Adjuto. Eram todos naturais de Narni, Itália.

Rumaram a Espanha, onde Frei Vital caiu gravemente enfermo. Os outros cinco prosseguiram até Coimbra onde terão sido acolhidos pelos confrades no eremitério de Santo Antão dos Olivais. Deles terá ouvido falar o futuro Santo António de Lisboa, recolhido no Mosteiro de Santa Cruz. Prosseguiram para Alenquer, onde trocaram o hábito religioso por veste comum; e assim disfarçados, rumaram a Sevilha, terra de mouros, onde começaram a pregar. «Levados perante a autoridade, esta pensou primeiro matá-los, mas acabou por apenas os prender e depois enviar para Marrocos, como aliás eles desejavam» (*Henrique Rema*<sup>3</sup>).

Ali chegados, surdos a qualquer voz de prudência humana, lançaram-se com entusiasmo a pregar a Palavra do Senhor.

«O Miramolim, ao saber do facto, mandou-os encerrar no cárcere e, depois, entregou-os aos cristãos, a fim de estes os remeterem para a Europa. Mais animados ainda, regressaram à cidade para continuar a missão. (...)

O chefe muçulmano mandou-os atormentar, atando-lhes as mãos e os pés, arrastando-os por terra, açoitando-os violentamente, lançando sobre as chagas azeite e vinagre e deitando-os em cima de vidros partidos. Assim passaram a noite inteira.

No dia seguinte, o Miramolim pega do cutelo ou cimitarra e a cada um dos cinco abre a cabeça. Era o dia 16 de janeiro de 1220» (*H. Rema*<sup>4</sup>).

### De Marrocos a Santa Cruz de Coimbra

Deixemo-nos agora guiar pela doura narração do P. José Bento Vieira, durante anos Pároco de Santa Cruz de Coimbra:

«Foram decapitados e os seus corpos incinerados no monturo da cidade... A Crónica de Santa Cruz refere que, por essa altura, estava na Corte do Rei de Marrocos o Infante D. Pedro...

Ao tomar conhecimento do que acontecera aos pregadores franciscanos, a quem por diversas vezes advertira da má vontade do Sultão, arranjou maneira de recolher os ossos dos Mártires que o fogo não consumira. Foi uma operação arriscada, feita de noite e em segredo, para não suscitar as iras dos muçulmanos»<sup>5</sup>.

As Santas Relíquias chegaram a Coimbra em 10 de dezembro de 1220.

Continua o P. José Bento Vieira: «Estiveram logo após a chegada, provisoriamente, na antiga sacristia do Mosteiro; depois, num sepulcro para elas expressamente lavrado, localizado no Claustro, ainda hoje assinalado; e finalmente no “Santuário” deste Mosteiro onde estão guardadas, parte em dois bustos de prata e outra parte numa pequena urna<sup>6</sup>. Em tempos recentes foram desta capela-santuário retirados, por motivo de segurança. (...) Encontram-se provisoriamente numa capela anexa à sacristia, esperando melhores dias para ocuparem o seu lugar, que lhes é devido, no Santuário a que nos reportamos»<sup>7</sup>.

Museu Machado de Castro, Coimbra. Santos Mártires de Marrocos.



**Desafios em tempo de “martírio” social**

O mundo inteiro vive hoje em situação de “martírio” social. Tudo isto é

- um apelo ao “martírio” diário e à “vocação” para uma nova forma de vida pela renovada e contínua evangelização, sem proselitismos, no diálogo com outras religiões e culturas;
- um apelo ao “martírio” diário para construir um mundo mais humanizado, coeso e pacífico;

- um desafio ao “martírio” da entrega e serviço generoso aos mais frágeis de hoje, seja de batas brancas, coletes de instituições de solidariedade ou simplesmente de máscara na cara a levar o essencial para a sobrevivência.

“Mártires” do confinamento e do distanciamento social para defender a própria vida e a dos outros. “Mártires” do respeito pelo outro.

Como se multiplicam hoje os “mártires” e as formas de “martírio”!

Imagem dos Santos Mártires de Marrocos na igreja de Santa Cruz, em Coimbra.



26

Santo António e os Mártires

<sup>1</sup> K. ESSER, “S. Francesco e la Chiesa missionaria”, in *Vita Minorum* 44, Venezia 1973, 41.

<sup>2</sup> L. IRIARTE, *Historia Franciscana*, Editorial Asís, Valencia, 1979<sup>3</sup>, 62.

<sup>3</sup> H. P. REMA, [http://www.ofm.org.pt/designio/fran\\_quemsomos.asp](http://www.ofm.org.pt/designio/fran_quemsomos.asp)

<sup>4</sup> H. P. REMA, [http://www.ofm.org.pt/designio/fran\\_quemsomos.asp](http://www.ofm.org.pt/designio/fran_quemsomos.asp)

<sup>5</sup> *Santa Cruz de Coimbra. Arte e História*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001<sup>2</sup>, 71-72.

<sup>6</sup> *Santa Cruz de Coimbra. Arte e História*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001<sup>2</sup>, 73.

<sup>7</sup> *Santa Cruz de Coimbra. Arte e História*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001<sup>2</sup>, 59.

## A Santo António e aos Santos Mártires de Marrocos

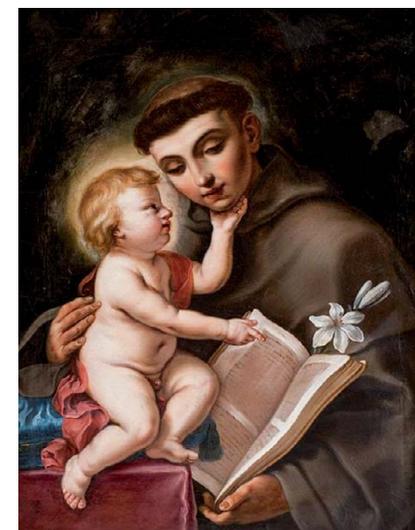
**Senhor, nosso Deus e nosso Pai,  
nós vos louvamos pelos vossos mártires e santos.**

**Nós vos bendizemos por Santo António,  
presbítero e doutor da Igreja,  
modelo de entrega ao serviço da evangelização,  
cristão enraizado na fé, na esperança e no amor,  
sempre dócil ao Espírito Santo,  
arauto da fecundidade da cruz de Cristo,  
alimentado pela Palavra da Escritura  
e pelo Pão da Eucaristia.**

**Senhor, nosso Deus e nosso Pai,  
nós vos pedimos pela Igreja  
de Vosso Filho Jesus Cristo,  
para que cresça em santidade  
e dê a sua vida em favor dos irmãos.  
Nós vos pedimos pelos cristãos,  
para que sejam testemunhas fiéis da fé  
e sigam o exemplo  
dos primeiros mártires franciscanos,  
que, com o sangue do seu martírio  
geraram sementes de novos cristãos.**

**Senhor, nosso Deus e nosso Pai,  
por intercessão de Santo António,  
concedei-nos a graça de um Ano Santo,  
que seja um verdadeiro caminho de conversão,  
e nos leve ao encontro pessoal com Cristo,  
para que sejamos renovados no Vosso Espírito.  
Ámen.**

**Santo António,  
Rogai por nós!**



Acima: Santo António de Lisboa com o Menino Jesus, o Lírio e o livro dos Sermões.

Abaixo: Relicários dos Santos Mártires de Marrocos, na igreja de Santa Cruz, em Coimbra.



27

## Francisco e António: os santos da Palavra

Para entender a experiência da leitura da Sagrada Escritura nos inícios do movimento franciscano – que se estendeu, de Assis, pela Europa fora – basta-nos interrogar dois ilustres santos: Francisco de Assis, o fundador, e o seu exímio discípulo, António de Lisboa.

Fabrizio Bordin, OFMConv

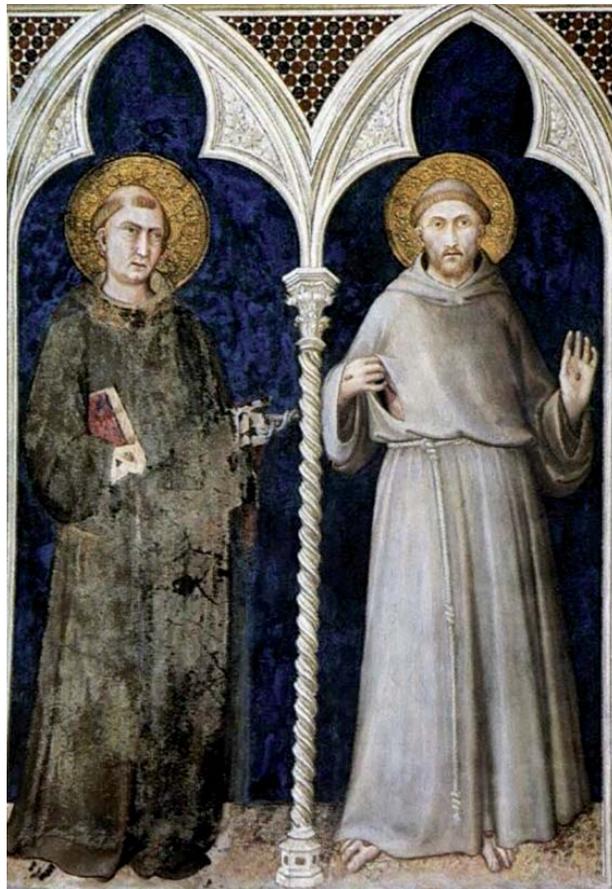
**S**em esquecer a *Lumen Gentium*, ao afirmar que o núcleo essencial da santidade cristã não está apenas numa ou outra virtude, mas sim na plena conformação a Cristo, podemos classificar os santos a partir de categorias que distinguem diferentes dimensões da fé. Temos, então, os santos da Palavra e da Caridade, os santos Educadores, os Contemplativos e os Penitentes, os santos Pastores e Doutores da Igreja.

Neste breve texto, procuramos aprofundar a singular relação que São Francisco e Santo António tiveram com a Sagrada Escritura.

No século XIII, altura em que estes dois santos vivem, a Igreja conhece um período de grandes mutações. A teologia desprende-se do estudo da Escritura para se tornar ciência autónoma, e assim o estudo da Escritura encaminha-se para uma exegese científica<sup>1</sup>, desenvolvendo os quatro sentidos clássicos da Sagrada Escritura: literal, alegórico, moral e anagógico.

A novidade do séc. XIII é o acento colocado na exegese literal, com que se quer fundamentar a exegese espiritual em métodos rigorosos, excluindo arbitrariedade e fantasia.

Santo António e São Francisco, de Martini Simone.



### 1. Francisco e a Sagrada Escritura

No que diz respeito a Francisco de Assis, é importante ter em conta a linguagem por ele utilizada nos seus escritos: regra, testamento, admoções, cartas, laudes e orações apresentam-se como um **mosaico de citações, alusões, ressonâncias bíblicas**, em parte citadas à letra, em parte adaptadas.

As citações não literais são sinal de uma palavra que ficou gravada no coração de Francisco.

Nelas, podemos descobrir **palavras lidas, meditadas, assimiladas**, até se tornarem parte da sua vida, que ele quer transmitir aos seus irmãos como um tesouro encontrado. Com estas palavras da Escritura é amassada a Regra de vida para os seus frades: «Francisco, as migalhas que viste a noite passada são as palavras do Evangelho; a hóstia é a Regra; a lepra, a maldade» (Celano, *Segunda Vida de Francisco de Assis*, n. 209).

Francisco, que se declarava *ignorante e iletrado*, não conhecia as regras hermenêuticas das escolas do seu tempo; o seu conhecimento era, sobretudo, fruto da escuta do mestre interior, o Espírito Santo, que ele constantemente invocava na oração.

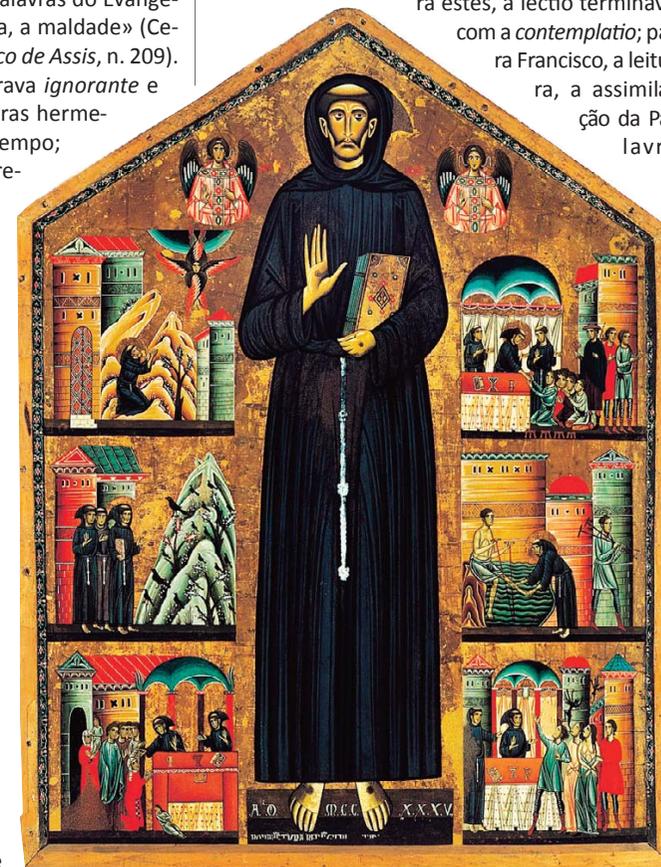
Francisco **aproximava-se da Sagrada Escritura com atitude de fé, de humildade e de amor**. Com os olhos da fé procurava descobrir na Bíblia as palavras de Jesus «*que são espírito e são vida*» (Jo 6,63). Com a humildade colocava-se numa atitude de espanto perante as novas luzes provenientes da escuta da Palavra; e pelo amor era levado a conformar-se com os sentimentos de Jesus e a penetrar o mistério da sua vida.

O método que utilizava era o de meditar a Escritura **com devoção e afeto**. A nível existencial, preocupava-se em cumprir à letra tudo o que

havia escutado da palavra do Senhor. Também a sua exegese ficou influenciada por esta atitude.

Quando ouviu, na igreja da Porciúncula, o sacerdote proclamar o Evangelho da **missão dos apóstolos** (Mt 10,7-13), Francisco exclamou: «Isso mesmo eu quero, isto peço, isto anseio poder realizar com todo o coração» (Celano, *Primeira Vida...*, 22). Ele **acolhe a palavra do Senhor sem a recortar e o Espírito Santo ajuda-o a fazer uma “releitura”**, primeiro na sua vida e depois na dos irmãos que o Senhor lhe concede. É uma releitura que não altera a palavra primitiva, mas a desenvolve, ficando homogênea ao próprio tema. E então, **o texto da missão dos apóstolos dá forma à «regra e à vida» da primitiva fraternitas**.

A finalidade da sua leitura da Sagrada Escritura é diferente da *lectio divina* dos monges. Para estes, a *lectio* terminava com a *contemplatio*; para Francisco, a leitura, a assimilação da Palavra



Bonaventura Berlingieri (+1235), São Francisco de Assis.



Santo António com a Basílica de Pádua.

e a oração deviam pôr-lhe no coração o zelo para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo.<sup>2</sup>

Francisco e os seus frades têm a consciência de anunciar a palavra de Deus, à qual os ouvintes são chamados a abrir-se responsabilmente, **acolhendo-a, atuando-a e observando-a**<sup>3</sup>: «A todos quantos receberem esta carta, eu, irmão Francisco, menor servo vosso, vos peço e suplico pela “caridade que é Deus” (Jo 4,16), e com o desejo de vos beijar os pés, que vos sintais obrigados a acolher, observar e guardar com humildade e amor estas palavras e as demais de nosso Senhor Jesus Cristo. E todos aqueles e aquelas que as receberem com benevolência, lhes derem atenção e enviarem cópias aos outros, se no seu cumprimento “perseverarem até ao fim” (Mt 24,13), sobre eles venha a bênção do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen» (1ª Carta aos Fiéis, 87-88).

Podemos concluir que **Francisco inaugura um modo novo de ler a Sagrada Escritura**: menos elaborado, menos místico e programado do que o dos monges; mais ligado à consistência da letra, mais simples e espontâneo, mais existencial e em função da pregação da Boa Nova aos que estão perto e aos que estão longe.

## 2. A leitura da Sagrada Escritura em António de Lisboa

O método exegético de António de Lisboa pode-se relevar a partir do estudo dos seus *Sermões*<sup>4</sup>.

Estes não são “homilias” para explicar, numa liturgia, o texto bíblico versículo a versículo, nem “sermões” que se podem pregar tal como os possuímos; **são um conjunto de materiais destina-**

**dos a ajudar os irmãos, os frades menores, enviados a pregar ao povo.** Isto explica a diferença da sua exegese em relação à praticada pelos monges e à das escolas do seu tempo.

Todos os estudiosos reconhecem que a formação de António se caracteriza pela sua **marca portuguesa**, sobretudo a **do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra**, que tinha laços estreitos com a escola de Paris, nomeadamente com o mosteiro de São Victor.

Não é bem conhecido o método com que era estudada a Sagrada Escritura em Santa Cruz, por faltar qualquer tratado de hermenêutica produzido pelos cónegos regantes de Santo Agostinho, até ao fim do século XII. Todavia, indiretamente, podemos formar uma opinião bastante certa, recorrendo a outros documentos presentes nas Bibliotecas de São Vicente de Fora e de Santa Cruz: o *Liber ordinis* de São Rufo de Avinhão, a *Vita Theotonii*, a *Vita Tellonis* e a *Vita Martini Sauriensis*. Nestes textos, destinados aos noviços e aos cónegos em formação, prescrevia-se a clássica *lectio divina* com os seus quatro momentos: *lectio, meditatio, oratio, contemplatio*.

Desta experiência de *lectio* nos anos da formação de António, falam também os biógrafos. A *Legenda Assidua*, de 1232 diz: «Cultivava o engenho com uma forte aplicação no estudo, e através da meditação mantinha o seu espírito forte. Noite e dia, conforme a oportunidade, nunca interrompia a divina leitura. Ao ler os textos bíblicos, cuidando da verdade histórica, fortificava a fé com confrontações alegóricas; e aplicando a si mesmo as palavras da Escritura, incrementava os afetos com o viver virtuoso.

Aprofundando com feliz interesse o sentido recôndito das palavras divinas, através do testemunho da Escritura preservou a inteligência das insídias do erro; por isso aprofundava a sabedoria dos santos com diligente pesquisa. E tudo quanto lia, confiava-o a uma memória tão firme que, em pouco tempo, demonstrou um conhecimento da Bíblia tão grande, que ninguém teria esperado» (*Assidua* IV, 3-6).

### Experiência da ‘lectio’ como frade menor

Depois da entrada na Ordem Franciscana, com certeza António foi influenciado pelo estilo

de vida de Francisco e pela sua interpretação literal e existencial da Sagrada Escritura.

Temos conhecimento, pelas fontes biográficas, que ele continuou a servir-se da *lectio divina* como seu alimento quotidiano. Dela retirava a força para evangelizar: «Como por divina vontade chegou a Pádua, pregava só de vez em quando, porque ao longo de todo o inverno aplicou-se totalmente aos estudos e, a pedido do Bispo de Hóstia, dedicou-se a escrever os *Sermões* para as festas dos santos venerados ao longo do ano» (*Legenda Assidua* XI, 4).

Ao contrário da experiência monástica, agora a *lectio* não é apenas individual, mas torna-se comunitária. Disto temos o testemunho da Carta enviada a António por Francisco de Assis: «Ao irmão António, meu bispo, o irmão Francisco envia saudações. Tenho gosto em que ensines (*le-*

*gas*) aos irmãos a sagrada teologia, desde que, com o estudo (*studium*), não se extinga neles o espírito da santa oração e devoção como está escrito na Regra.» Naquele tempo, *legere theologiam* significava ler a Sagrada Escritura.

A *Benignitas* lembra esta **leitura comunitária realizada nas fraternidades franciscanas**: «Seria demasiado demorado lembrar as virtudes insignes do bem-aventurado António, quantos solenes conventos da sua Ordem tornou célebres com o seu ensinamento, com disputas teológicas e sermões, quer impelido pelo zelo da fé e pelo fervor para a salvação da alma, quer cativado pelo amor de instruir os irmãos, quer induzido pelo desejo e pelo ardor de honrar a sua família religiosa, na altura espezinhada, por causa da sua falta de formação» (*Benignitas* XIII, 1).

S. Francisco aparece a frei António, quando este preside a um Capítulo dos seus Irmãos em Arles. O Fundador apreciava o frade português e confiou-lhe o ensino da teologia aos seus Irmãos.



## A «lectio divina» antoniana

António continua a tradição dos cônegos de Santa Cruz, mas é influenciado também pelo novo clima espiritual da Universidade de Paris, que via a teologia em função da pregação e, sobretudo, pela forma de vida inspirada por Francisco de Assis.

Da análise dos *Sermones* podemos destacar alguns traços fundamentais da sua leitura da Sagrada Escritura.

**Os Sermões que nós temos** não são, decerto, os que Santo António pronunciou de viva voz diante do povo; **são o fruto de um duplo trabalho**: o ensino dado aos frades e a **pregação** transmitida aos fiéis. Apresentam, portanto, um **duplo aspeto: formativo e pastoral**.

Escreve um estudioso dos *Sermones* antonianos: «Os seus sermões surgem como **um verdadeiro mosaico de textos bíblicos, aproximados, combinados, acordados, encadeados, entrelaçados**; mais, o estilo do Santo está todo permeado de sabor bíblico, com transparentes e contínuas referências a passagem conhecidas da Sagrada Escritura» (*L. Gonzaga de Fonseca*)<sup>5</sup>.

**A estrutura do sermão** consiste num tema retirado da Sagrada Escritura e na sua exposição, na definição do eventual nome que se encontra na citação, na distinção das várias argumentações, na explicação do sentido espiritual, na citação das várias passagens bíblicas que combinam com a principal.

Em tudo isto, realiza-se o comentário da mesma Sagrada Escritura, através das concordâncias, um método que aparece em cada página dos *Sermones*. Uma vez trata-se de pôr em relação dois versículos, outras vezes, duas passagens bíblicas.

Todavia, António diferencia-se da tradição sobre a *lectio divina* aprendida no mosteiro de Santa Cruz, porque quando entrou na Ordem dos Menores também assumiu a forma de vida, caracterizada pela pregação itinerante do Evangelho. **A sua lectio queria inflamar os frades no amor de Deus**, fazendo-os subir, não apenas para o carro de fogo de Elias (que representa a *contemplatio*), mas sobretudo para o carro de Ezequiel, que simboliza a evangelização. A *lectio* devia pôr em movimento os irmãos na *praedicatione*, como Jesus e os apóstolos<sup>6</sup>.

Podemos então concluir que, na Ordem dos Menores, **António é o primeiro mestre**. Ele deixou-nos uma obra totalmente tecida de exegese atualizada, que tinha sido abraçada pelos pregadores franciscanos desde os anos '20 do séc. XIII. O conhecimento dos *Sermones* facilita a aproximação à personalidade e ao pensamento do Doutor evangélico, orientando a “devoção popular” a este Santo para que, como todas as devoções aos santos, responda à genuína função de conduzir as pessoas a Deus. Foi o que procurou fazer António de Lisboa, com a sua obra de evangelização.



## uma LUZ da bíblia sobre esta pandemia



## “Esta coisa...”

Não sei porquê, o povo português, que durante gerações andou a repetir **Para melhor ninguém vai, desatou a dizer Vai ficar tudo bem. Vai, ou não vai?**

**N**ão lhe vou dar nome nem fotografia. Cito, apenas, o modo como vários sms recebidos se lhe referiam: “esta coisa”... inominável. Veio intrrometer-se na nossa vida, obrigou-nos a suspender eventos e programas nacionais, europeus e internacionais, instituindo-se como a única urgência. Sem pedir licença nem inscrição, tornou-se o novo adversário que temos de vencer. Daí o grande desconforto de toda a gente.

“Esta coisa” chegou, mesmo, a arvorar-se na «coisa» única necessária (ver Lc 10,41-42), levando-nos a uma disponibilidade forçada, que antes, em nome do Evangelho, não tínhamos encontrado para a primazia de que Jesus falou a Marta. E, sem que ninguém o previsse, com menos culto, recentrou a vida cristã na caridade. Surgiram os heróis da saúde e os mártires do confinamento, a luta pela sobrevivência de cada um tornou-se dependente da atenção aos outros, as famílias reaprendem a viver estando mais tempo em casa...

Mas não entro na ilusão de que VAI FICAR TUDO BEM. É claro que não vai. Nem tudo, nem bem. O próprio arco-íris, nos desenhos com a frase, lembra o arco-da-velha no Antigo Testamento e sugere que vamos suportar uma longa tempestade antes da bonança (Gn 7,17-9,17).

Os que ficarem bem, após se reconciliarem com o passado, vão ter que empenhar-se num fu-

turo diferente de maior harmonia com a criação e uma profunda solidariedade humana. Porque os donos absolutos acabaram. E as autossuficiências também. Será preciso *morrer* a muita coisa para reerguer um mundo novo. Novos céus e nova terra? Talvez ainda não. Mas para lá vamos.

A propósito, lembro Isaías 65,17-21 lido em 23 de março, dia chuvoso no início da primavera: «Assim fala o Senhor: “Eu vou criar os novos céus e a nova terra e não mais se recordará o passado, nem voltará de novo ao pensamento. Haverá alegria e felicidade eterna por aquilo que Eu vou criar: vou fazer de Jerusalém um motivo de júbilo e do seu povo uma fonte de alegria. Exultarei por causa de Jerusalém e alegrar-me-ei por causa do meu povo.

Nunca mais se hão de ouvir nela vozes de pranto nem gritos de angústia. Já não haverá ali uma criança que viva só alguns dias, nem um velho que não complete o número dos seus anos, porque o mais novo morrerá centenário e quem não chegar aos cem anos terá incorrido em maldição. Construirão casas e habitarão nelas; plantarão vinhas e comerão os seus frutos.»

A palavra do Senhor, escutada com atenção à vida, pode revelar-nos saídas que só os profetas sonhavam. Em 23 de março, Portugal tinha 2.060 infetados com “o tal” vírus e 23 mortos; hoje, 15 de abril, ao escrever esta página, ouvi: 18.091 infetados e 599 mortos. Então, sempre é verdade que *para melhor ninguém vai?* Aqui, acreditamos que vai; mas não tudo, nem todos.

O profeta-poeta Isaías escreveu aquele texto depois do exílio, quando o povo sonhava com a reconstrução do país. Desconhecemos quando vai ser a nossa. Mas sabemos que vamos precisar da mesma utopia do profeta, “por caminhos não andados”. Deus, certamente, não nos faltará.

Lopes Morgado

<sup>1</sup> Cf. A. POMPEI, *Dalla «lectio scripturae» di Antonio alla «lectio scripturae» di Bonaventura e della prima Scuola francescana*, in «Il Santo» 37 (1997), pp. 53-87.

<sup>2</sup> Aos frades que por inspiração divina querem ir entre os sarracenos e os outros infiéis, Francisco prescreve: «... quando julgarem ser do agrado do Senhor, anunciem a palavra de Deus, para que criem no Deus omnipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, no Filho Redentor e Salvador, e sejam baptizados e se façam cristãos, porque, “quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3,5). Estas e semelhantes coisas agradáveis ao Senhor lhes podem pregar, a eles e aos demais» (1R 16,7-8).

<sup>3</sup> Cf. G. Odasso, *Dalla «lectio scripturae» di Francesco alla «lectio scripturae» di António*, in «Il Santo» 37 (1997), pp. 27-52.

<sup>4</sup> S. ANTONII PATAVINI, O. Min., *Doctoris evangelici, Sermones dominicalis et festivi ad fidem codicum recogniti*, I-III, Padova 1979. Neste estudo são citados textos conforme a tradução italiana: G. TOLLARDO (ed.), *Sant’Antonio di Padova, I sermoni*, Padova 2005<sup>5</sup>; e conforme a tradução portuguesa: *Fontes Franciscanas III, Santo António de Lisboa. Biografias – Sermões*, Braga 1998<sup>1</sup>

<sup>5</sup> Cit. no Prefácio da tradução italiana: G. TOLLARDO, *Sant’Antonio di Padova, I sermoni*, Padova 2005<sup>5</sup>, p. 7.

<sup>6</sup> «Repare-se nas duas palavras: [Jesus foi] **pobre**, porque não teve onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8,20), senão onde, inclinada a cabeça [na cruz], rende o espírito (Jo 19,30); **silente**, porque conduzido como ovelha ao matadouro, e enquanto era maltratado, não abriu a boca (cf. Is 53,7)» (*Sermão 19º Domingo depois do Pentecostes*). Versão portuguesa, *Fontes Franciscanas III, Santo António de Lisboa. Biografias – Sermões. II vol.*, Braga 1998<sup>1</sup>, p. 484.

## Para nos salvarmos do eco-desastre construir uma nova arca de Noé

Poderá a narrativa bíblica do dilúvio universal perder os seus contornos de fábula – Noé que constrói a arca, a procissão dos animais que entram lentamente, a destruição da Terra, a violência das águas – para assumir outros, capazes de nos dizer alguma coisa, muito, talvez tudo, sobre o momento histórico que estamos a viver?

Daniela Monti

no jornal *Corriere della Sera*

A pergunta é estranha: poderá a teologia voltar a vestir as roupagens de “ciência interpretativa do mundo”? Teresa Bartolomei, docente e investigadora na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, com o seu livro *Dove abita la luce?* (Onde habita a luz?) (ed. Vita e Pensiero), responde com um sim convicto.

### RELEITURA DO DILÚVIO UNIVERSAL Deus não castiga: salva

O poder que o ser humano adquiriu sobre o mundo – poder de o destruir, como está a fazer, mas também poder de o salvar – permite, para a estudiva, uma releitura do dilúvio universal que supera a visão tradicional de castigo enviado por Deus (o Deus de Bartolomei não castiga: salva). Já não serve uma entidade superior que desencadeia o dilúvio: agora o ser humano sabe fazer mal e fazer-se mal sozinho.

Arca de Noé. De todos os seres vivos, animais e aves do céu, um par foi recolhido na Arca (Gn 6,19; 7,2-3).



A história de Noé torna-se, então, «um manual de instruções sobre como reparar os estragos após um período tão longo de destruição do ambiente e de aniquilação da relação com a natureza», provocada pelo agir humano, que a pandemia em curso tornou ainda mais dramática nas suas consequências.

**Como salvar-se?** A partir do exemplo de Noé, diz Bartolomei, fazendo da arca «um modelo de civilização alternativo que possa sobreviver ao naufrágio da civilização contemporânea», que esqueceu que «nenhum “contrato social” basta para garantir a sobrevivência do género humano, se não for integrado num “contrato natural” de aliança com a Terra e as suas criaturas». [...]

A estudiosa responde de Lisboa, onde vive há mais de vinte anos, e onde hoje a experiência de autorreclusão para conter a difusão do vírus, «paradoxalmente, aproximou-me de Itália porque, se se está confinado dentro das paredes de casa, não faz grande diferença encontrar-se em Nova Iorque, em Roma ou em Lisboa: os desafios, as oportunidades, os problemas são os mesmos. Por um lado tem-se nas mãos um tempo sem forma, sem calendário.

Por outro está-se privado daquele ritmo de entrada e saída, “dentro” e “fora”, que desenha o equilíbrio espacial da nossa liberdade entre deslocação e permanência, entre retração e exposição, entre o ninho e o céu. A intermitência entre estes dois polos é a pulsação biológica e antropológica da vida individual e coletiva, e ser privado de um deles é uma condição de exceção.

Mesmo quem a escolhe, como os monges, conhece bem as suas insídias: a acídia – a melancolia passiva na qual esmorecem a vitalidade, a vontade de fazer – é a doença mortal de eremitas e monges. Os Padres do Deserto dedicaram-lhe páginas memoráveis, que talvez devam ser relidas nestes dias estranhos, em que nos sentimos algo flácidos e per-

didos, como Giovanni Drogo na Fortaleza Bastiani do “Deserto dos Tártaros”, de Dino Buzzati».

Não falta, em algumas reflexões em torno a estes dias, uma leitura consequential desta pandemia como um efeito direto ou colateral da degradação ecológica. «Há quem rejubile com a paragem generalizada da máquina produtiva, da natureza que recupera o fôlego nesta pausa da economia. Eu estou feliz por ver as imagens dos golfinhos no Grande Canal, em Veneza, mas os custos humanos da crise económica que nos espera são incalculáveis.

Combater o negacionismo ecológico à Trump não significa abraçar o negacionismo económico, que ignora o preço do decréscimo para as faixas mais fracas da população mundial. Penso que deveríamos reverter o nosso modo de estar na Terra de um modelo parasitário, de consumo indiscriminado dos recursos naturais, por um modelo simbiótico, que reconhece a interdependência e a conjuga numa verdadeira aliança com a Terra».

### OPORTUNIDADE DE MUDANÇA Reverter o modo de estar na terra

**A arca, como modelo de civilização alternativo, está em construção? Vê-lhe os sinais?** «Até há poucos anos, a preocupação pela ecologia era vista por amplos setores da opinião pública como coisa de ricos. Hoje, da política à comunidade científica, das novas gerações ao papa Francisco – que lhe dedicou uma encíclica, fazendo do tema da ecologia integral uma prioridade moral e espiritual absoluta –, vejo muita gente que não fica de mãos nos bolsos, mas pôs-se a construir a arca, o novo modelo de civilização no qual se deve embarcar a Terra, salvá-la do dilúvio que a arrastará se não pararmos a tempo a degradação “ecocida” do nosso habitat.»

Também o tempo tem uma sugestão: os 40 dias e as 40 noites que Noé e todos aqueles que estavam com ele passaram na arca, segundo a narrativa bíblica, foram necessários para fazer com que «o ser humano mudasse».

**A autorreclusão como condição de mudança?** «Noé, como uma grande fatia da humanidade neste momento, opta por submeter-se à

paragem domiciliária para se salvar a si próprio e o futuro da vida sobre a Terra», responde Bartolomei. «Não se trata de uma medida terapêutica, mas de uma experiência de descontinuidade existencial. Para “ficar de fora” do modelo de vida violento e irresponsável dos seus contemporâneos, Noé teve de fechar-se dentro de uma condição de isolamento espacial, social e existencial, e inventar, com a pequena comunidade biológica (seres humanos e animais) que lhe é confiada, um novo modelo de convivência.

Neste momento não são só os indivíduos que estão fechados fisicamente em casa, é todo um sistema económico e social, é o modelo de vida da civilização ocidental, com a sua extraordinária potência de liberdade e produtividade, que entrou em quarentena, que ficou suspenso por tempo indeterminado. Quando o nosso mundo reabrir as portas, quando pudermos voltar a pôr os pés na terra firme da normalidade, teremos aprendido a lição?» A escolha a fazer, para Bartolomei, não é voltar a formas de economia pré-industriais, inverter o curso da globalização, desmobilizar o aparato técnico e científico.

Não há necessidade de menos ciência, menos técnica, menos produção, mas antes «de um sistema tecnocientífico e económico que redefina radicalmente as suas prioridades, assim como a conversão individual a formas de vida purificadas do consumismo desenfreado, capazes de u-

ma sobriedade que respeita o direito de todos à fruição dos bens essenciais.

O número 40, o mesmo dos dias do dilúvio, é o algarismo bíblico da penitência e da conversão, da prova e da suspensão da normalidade com vista a um novo início. O pico europeu desta pandemia coincide com o período litúrgico da Quaresma. Ler esta coincidência como uma mensagem de Deus é superstição. Mas o crente, como o não crente, pode acolhê-la como uma chave interpretativa, um convite a viver todo este sofrimento como uma oportunidade de mudança, e não só como uma experiência destrutiva».

**Refloresce a ideia de um “destino comum”: qual é este destino?** «A quarentena eleva a lei a distância física e social. Todavia, paradoxalmente, esta condição de separação rompe a solidão do nosso destino individual: estamos em casa para salvaguardar não só a nossa vida, mas também a dos outros. A interdependência incarnada pelo contágio torna-se evidência moral, apelo a uma solidariedade que os tempos normais obscurecem na fragmentação das relações, nas dificuldades de comunicar as experiências privadas.

**Quando sairmos de casa e tivermos de arregaçar as mangas para nos reerguermos das ruínas, individuais e coletivas, seremos capazes de comunidade?** Eu creio, e espero, que sim.»

Tradução: Rui Jorge Martins

Terminado o dilúvio, Noé e a família saíram da Arca e ofereceram a Deus um sacrifício. O arco-íris evoca a renovação da aliança de Deus com a humanidade (Gn 8,15-22).



## O Exterminador do Egito e outras pragas

Todo o mundo vive agora sob uma terrível opressão por causa da *Covid-19*. O ser humano vangloriava-se de se ter tornado o dono do mundo, com tanta ciência e tecnologia, e vive aterrado por causa de um inimigo invisível, infinitamente pequeno. Que poderá dizer-nos a Bíblia, sobre isto?

Frei Herculano Alves

**A** esta pergunta, poderíamos responder com as tão famosas “Pragas do Egito” (Ex 7,8–11,10). Pragas, sempre as houve ao longo de toda a história da humanidade; mas hoje vamos fixar-nos num texto bastante misterioso: o do assim chamado *Exterminador*, que aparece como o principal agente dessas pragas, sobretudo a pior de todas: a morte dos filhos primogénitos de todo o Egito. Quem é esse personagem misterioso?

### 1. ALGUNS PRESSUPOSTOS

Para entendermos corretamente os textos que nos falam dessas pragas e do Exterminador, devemos ter em conta:

**1.1. Não se trata de acontecimentos históricos, mas de uma espécie de epopeia**, que tenta explicar esta grande verdade: Como é que um povo tão pequeno e ainda desorganizado foi capaz de arranjar força para se libertar do faraó do Egito, um império poderoso?

A resposta, subjacente no texto, só pode ser uma: Foi o Senhor quem nos libertou da terra do Egito, terra de escravidão... Esta é a grande verdade teológica presente no texto, constituindo a o seu sentido fundamental.

**1.2. Cruzam-se aqui várias tradições antigas dos hebreus, mais tarde chamados israelitas.**

a) A tradição da *saída do Egito*, que tem um caráter épico e não histórico, como já avançámos acima.

b) A tradição da *Páscoa dos pastores*, que era a principal atividade dos antigos hebreus e de outros povos do deserto. Esta Páscoa é colocada já no início da sua história, como um ritual de libertação, e foi sempre ligada à epopeia da libertação do Egito.

c) Há ainda a hipótese de *uma praga qualquer*, coincidindo com a fuga dos hebreus do Egito e talvez por sua causa: ao fugir dela, foram do Egito para o deserto e daí para Canaã.

Tendo em conta estes pressupostos e tradições, presentes no subterrâneo e na trama do próprio texto, podemos, agora, avançar com uma explicação do famoso *Exterminador*. Quem é ou o que é este Exterminador?

**1.3. O Exterminador: pessoa ou personificação?** Este personagem, que está na origem da morte dos primogénitos egípcios, é anunciado em Ex 11,4-6 com estas palavras:

«Moisés disse: “Assim diz o Senhor: A meio da noite, **Eu** apresentar-me-ei no meio do Egito, e morrerá todo o primogénito na terra do Egito, desde o primogénito do faraó, que se sentará no seu trono, até ao primogénito da escrava, que está atrás da mó, e todo o primogénito dos animais. Haverá um grande clamor em toda a terra do Egito, como nunca tinha havido antes e como nunca mais haverá”».

O **Eu** do texto é Deus; mas só vai atuar e cumprir a promessa no capítulo 12,12-13:

«**Eu** atravessarei a terra do Egito naquela noite, e ferirei todos os primogénitos na terra do

## a luz que nos vem do êxodo

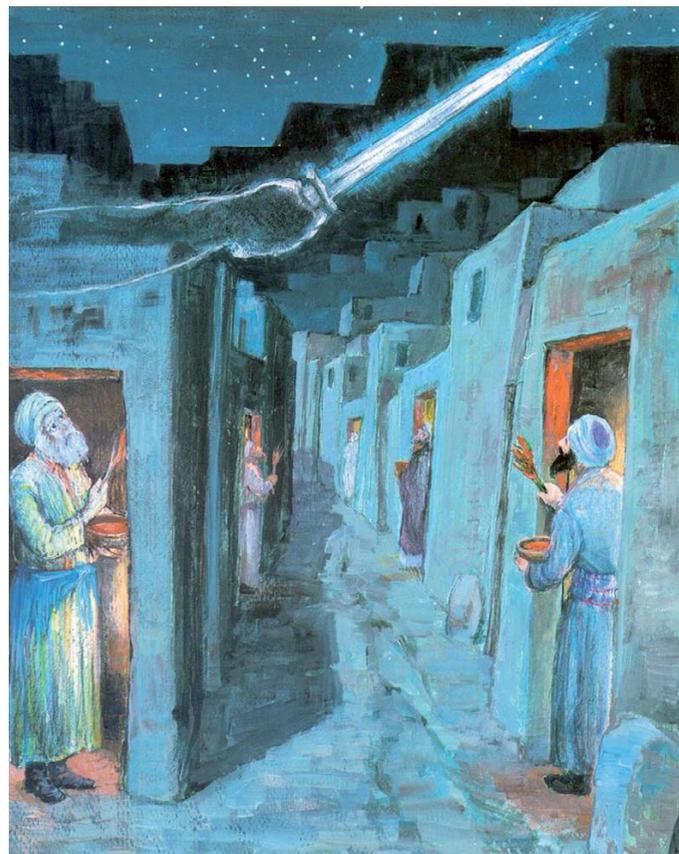
*Egito, desde os homens até aos animais, e contra todos os deuses do Egito farei justiça, Eu, o Senhor. E o sangue será para vós um sinal nas casas em que vós estais. Eu verei o sangue e passarei ao largo; e não haverá contra vós nenhuma praga de exterminio, quando Eu ferir a terra do Egito.»*

É precisamente agora que entra em ação a antiga tradição dos pastores que, na sua festa da Páscoa, no início da primavera, matavam um cordeiro do rebanho (possivelmente, o primogênito) e ofereciam-no ao deus Lua (deus Sin), o grande deus que iluminava a noite dos pastores, para que os rebanhos não fossem atacados.

Durante a primeira Lua-cheia da primavera imolavam esse cordeiro em honra do deus protetor dos rebanhos que, frequentemente, eram atacados por pragas, deixando os pastores na miséria. Para afastar esses “espíritos” maus, portadores das doenças ao rebanho, os pastores davam-lhes a lamber o sangue do cordeiro imolado, espalhando-o nas estacas da entrada das suas tendas. E assim, os espíritos deixavam os rebanhos em paz e saudáveis.

É curioso que o texto, escrito muito mais tarde, quando o povo já vivia em casas com portas, diga que o sangue era colocada nas ombreiras destas; mas o costume vinha do tempo das tendas dos pastores, que as transportavam procurando melhores pastagens para os rebanhos.

Os hebreus marcam as ombreiras e o dintel das portas com o sangue do cordeiro para que o Exterminador passe adiante sem os matar (Ex 12,7.12-13.21-23).



## 2. O SENHOR E O EXTERMINADOR

Parece que são personagens bem diferentes. O *Exterminador* seria apenas um instrumento ao serviço da justiça do Senhor, como se afirma em Ex 12,23.

«O *Senhor* passará para ferir o Egito, verá o sangue sobre o dintel e sobre as duas ombreiras da porta, e o *Senhor* passará ao largo da porta e não deixará que o *Exterminador* entre nas vossas casas para ferir.»

Trata-se, portanto, de duas entidades. O *Senhor* até impede que o *Exterminador* mate os hebreus, seu povo protegido. Há aqui uma ação do Senhor, “permitindo” que os egípcios morram para que os escravos hebreus vivam e sejam libertados da sua escravidão no país do faraó. O *Extermina-*



John Martin, 1823. As Dez pragas do Egito e a mediação de Moisés junto do faraó.

*dor* parece ser uma simples personificação do mal que aconteceu aos egípcios nas refregas que os hebreus tiveram com eles, a fim de se libertarem; ou foi alguma praga que afetou gravemente o Egito e seria também ocasião da fuga dos israelitas/hebreus, como dissemos.

Ou seja: o *Exterminador* pode ser uma simples ficção, um símbolo do mal que aconteceu aos egípcios mas não afetou os hebreus.

**Deus matou os egípcios, ou mandou o Exterminador matá-los?** Deus não podia utilizar outros meios para libertar os israelitas? Porque usou a violência? É errado pôr assim a questão. O Deus da Bíblia não mata nem manda matar ninguém, nem sequer os inimigos do seu povo. Estamos num contexto de epopeia, género literário que ajuda a responder à eterna pergunta: “Como pôde um povo tão pequeno fugir de um império tão poderoso, como era o Egito?”

Mais uma vez, a resposta é esta: “Só com a força do Deus verdadeiro, que protegia o seu povo, foi possível uma tal libertação.” Isto é ver-

dade, por um princípio teológico corrente na Escritura: Deus, que nos criou livres (Gn 3), é inimigo da escravatura e de todo o tipo de escravidão. Também das escravidões pelas quais optamos livremente. Ele, que nos criou com infinito amor, não gosta de nos ver escravos de nenhum mal, material ou espiritual.

Deus, portanto, não era inimigo do faraó nem dos egípcios. Era inimigo, sim, da maneira como eles escravizavam os hebreus. Em cada uma das 10 pragas aparece o mesmo refrão dito ao faraó: «*Deixa partir o meu povo, para que me sirva*» (7,16.26; 8,16; 9,1.13; 10,3).

O Deus da liberdade não quer ser adorado ou *servido* por escravos; o “serviço” prestado a Deus deve sair de um *coração* livre e não de uma *imposição* externa. Esta é a melhor explicação da “violência” de Deus. Se criou os seres humanos livres, Ele próprio os defende, para que a sua criatura não seja deformada pelos poderosos deste mundo. Portanto, o Deus da Bíblia utilizou e utiliza todos os meios possíveis para libertar a humanidade, não para a castigar.

## 3. DEUS USOU DE VIOLÊNCIA?

Como vinha dizendo, a resposta é negativa: se alguma violência houve, nesta epopeia da saída do povo de Israel do Egito, foi apenas humana e não divina. O problema que pode existir é o da interpretação da origem da violência.

Aqui entra em ação um princípio teológico: o problema da identidade do próprio Deus. Ele é o Deus da liberdade, como dizíamos acima; por isso, a possível violência havida no Egito – luta pela fuga ou alguma praga – foi interpretada pelo povo hebreu como uma violência permitida e mesmo querida pelo próprio Deus, em favor de um povo escravo.

Trata-se, portanto, do problema da interpretação da violência e não da violência de Deus em si mesma. Deus pode servir-se das chamadas “causas segundas” ou naturais, para realizar o seu projeto em favor da humanidade. Em geral, Deus não age diretamente, de modo milagroso, no mundo. Deixa agir as leis da natureza que Ele próprio criou. E deixa os seres humanos agirem livremente, para que assumam as consequências das suas ações e não as atribuam a Deus, desresponsabilizando-se. Mas, infelizmente, é mais fácil e comum atribuir a Deus a causa de certas violências humanas, cujos autores são bem conhecidos de todos... Deus não faz guerra a ninguém. Deixa os humanos exercerem a sua liberdade de agir e castigar os culpados.

## 4. O DOMÍNIO DE DEUS NO MUNDO

Este é um segundo tema a ter em conta, e que não pertence aos ditadores que apareceram ao longo de toda a história da humanidade. Por isso, nas referidas pragas do Egito, há um outro refrão, a propósito do poder de Deus e não do faraó: «**Nisto reconhecerás que Eu sou o Senhor**» (7,17; 8,6.18; 9,14-16.29; 10,1-2). Deus está sempre acima dos acontecimentos históricos e das pessoas. Ele conduz a História providentemente, para bem da humanidade.

Deste modo, as pragas são apresentadas como **sinais reveladores da presença e da ação de Deus** nestes e noutros acontecimentos. São os sí-



A “Mão” de Deus é libertadora de tudo e de todos.

*nais* que Deus nos envia, para o “reconhecemos como Senhor” da nossa vida e nos acontecimentos do mundo.

Deus não nos fala aos ouvidos nem por um megafone, mas pela sua Palavra, que está na Bíblia, e por meio dos sinais da sua presença nos acontecimentos da nossa história pessoal e coletiva.

O nosso problema reside em não termos o “olhar claro” nem os olhos bem abertos, para O *ver* na sua Palavra e nesses *sinais* que Ele nos envia. Só o olhar de uma fé confiante num Deus que nos ama com amor infinito – em Deus, tudo é infinito – nos permite vê-l’O nesses dois modos de Ele se nos revelar: a *Palavra* bíblica e os *sinais* da história.

## EM CONCLUSÃO

Pela fé no Deus verdadeiro, Israel soube ver um *sinal* da sua presença no *Exterminador* dos primogénitos e nas outras pragas do Egito. Com essa mesma fé, somos chamados a saber ler na praga que hoje invadiu todo o planeta – a *Covid-19* – também um “sinal”, e apenas isso, de que só Deus é o Senhor de tudo e de todos: «**Nisto reconhecerás que Eu sou o Senhor.**»

O problema do *Exterminador* não é, pois, um tema propriamente histórico, mas teológico, catequético, que nos fala da relação dos humanos com o único Deus que deve ser considerado como o *Senhor* de tudo e de todos.



## Com Job e Jesus nos dias de coronavírus

Escrevo com embaraço estas linhas. Parecia-me, com efeito, ouvir a voz de Job, rouca pelos demasiados gritos, a rejeitar as palavras dos amigos teólogos que tinham vindo consolá-lo, definindo-os como «infusões de malva», incapazes de eliminar a sua dor lacerante. Ou, começando a escrever algumas linhas, ouvia ressoar ao ouvido a frase áspera de um outro sábio bíblico, Qohélet, que me advertia: «Todas as palavras estão gastas, o homem já não consegue dizê-las» (1,8). Escrito para a Semana Santa, este texto continua atual.

Card. Gianfranco Ravasi / Presidente do Conselho Pontifício da Cultura\*

Por fim, decidi rasgar o silêncio, como fizeram o papa e muitos outros pastores com palavras intensas, só para dizer que todos experimentamos na alma os mesmos estremecimentos dos muitos doentes com a boca colada a um ventilador. E sobretudo para estar ombro a ombro com a multidão de familiares, amigos, vizinhos paralisados pelo sofrimento dos seus amados, impossibilitados de fazer uma só carícia nos seus rostos, ou mesmo de os acompanhar até ao fim com um rito de despedida.

Mas há uma outra razão que convida a todos nós (por enquanto) são a não nos calarmos: está ligada aos iminentes dias da Semana Santa, quando à nossa frente caminhar Cristo nas suas últimas horas terrenas. Imagino-o como no filme “Andrei Rublëv”, do grande realizador russo Andreï Tarkovski, enquanto avança tropeçando na neve, colorindo-a com o sangue das suas feridas, arrastando, exausto, a cruz, seguido pela multidão dos pobres agricultores e dos últimos daquelas terras.

O Deus cristão é diferente das divindades antigas como Júpiter, relegadas para o seu mundo olímpico dourado, apáticos em relação ao sofrimento humano. Pelo contrário, é um Deus que escolheu assumir o nosso mesmo bilhete de

identidade, feito, sim, também de alegria, mas sobretudo de limite, de dor e de morte.

Embora estejamos distantes das igrejas desertas, ouviremos da voz do sacerdote solitário a narrativa evangélica daquelas últimas horas de um Deus verdadeiramente irmão da humanidade. E veremos desfilar diante dos olhos, vividas nele, todas as desolações destes nossos dias.

Também Ele tem medo e horror da morte, cujo rosto severo se apresenta diante dele e de nós, ainda que o tivéssemos antes exorcizado e ignorado: «*Pai, se é possível, passe de mim este cálice*» envenenado. Também Ele experimenta o isolamento dos amigos, os discípulos que permanecem distantes, ou o abandonam, como no caso de tantas pessoas só doentes. Também Ele tem a carne ferida pelas torturas, e até experimenta a pior das solidões – o silêncio do Pai («*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*»).

Por fim, também Ele, por causa da crucificação, morre como muitos doentes de coronavírus, por asfixia, depois de ter emanado a respiração extrema. Tinha razão um teólogo mártir do nazismo, o alemão Dietrich Bonhoeffer, quando escrevia no seu diário na prisão: «Deus em Cristo não nos salva em virtude da sua onipotência, mas pela força da sua impotência.» Sim, porque

naqueles momentos não se dobra sobre qualquer outro doente para o curar, como tinha feito durante a sua vida terrena, mas torna-se Ele próprio sofredor e mortal. Não nos liberta *do* mal, mas está conosco *no/em* mal físico e interior.

No entanto, mesmo quando é um cadáver sacudido aqui e ali, como acontece hoje às vítimas do vírus, Ele é sempre o Filho de Deus. É por isto que – experimentando na sua carne a nossa humanidade mísera, frágil e mortal – depôs nela para sempre uma semente de eternidade e de esperança destinada a desabrochar. É este o sentido da Páscoa, «a outra face da vida em relação àquela que está voltada para nós», como dizia o poeta austríaco Rainer M. Rilke.

Muitas outras coisas ensinou este mal a quem crê e também a quem não crê. Desvelou-nos a grandeza da ciência, mas também os seus limites; reescreveu a escala dos valores que não tem no seu vértice o dinheiro ou o poder; o facto de estarem em casa, juntos, pais e filhos, jovens e idosos, repropôs cansaços e alegrias das relações não só virtuais; simplificou o supérfluo e ensinou-nos a essencialidade; tornou-nos irmãos e

**irmãos dos muitos Job**, dando-nos o direito até de protestar com Deus, de erguer até Ele as nossas perguntas e lamentos.

Mas, sobretudo, revelou um valor supremo: o amor. Muitos leitores conhecem o romance do escritor colombiano Gabriel García Márquez, *O amor nos tempos de cólera* (1982), um título que poderia ser transcrito para o coronavírus. Um título que é verdade sobretudo nos muitos médicos, enfermeiros, voluntários e outros agentes, dispostos a ir além da lei de «amar o próximo como a si mesmos», para seguir a outra extrema, de Jesus: «*Não há amor maior do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.*»

Na Bíblia ressoa 365 vezes esta saudação divina: «*Não tenha(i)s medo!*». É quase o «bom dia» que Deus repete a cada aurora. Repete-o também nestes dias de terror. E, para quem perdeu a fé, proporei a confissão do mesmo escritor García Márquez: «Infelizmente, Deus não tem um espaço na minha vida. Se Ele existe, nutro a esperança de eu ter um espaço na sua.»

\* In *Cortile dei Gentili*  
Tradução / Rui Jorge Martins

«Pai, se é possível, passe de mim este cálice» (Mt 26,39).  
El Greco, *Agonia de Jesus no Horto* (1590). Óleo sobre tela.



## Em lágrimas chegou a primavera

- Chegou a primavera em lágrimas;  
também as lágrimas são flores.
- As lágrimas são os gemidos da chuva;  
mas depois da chuva tudo canta.
- As lágrimas lubrificam os olhos;  
os olhos iluminam os sentimentos.
- As lágrimas abrem rios no rosto;  
são os rios que alimentam a primavera.
- As lágrimas fecundam a consciência;  
da consciência nasce a conversão.
- As lágrimas segregam a tristeza;  
a tristeza destila a solidariedade.
- As lágrimas são o sal da amargura;  
a amargura dá o tempero à existência.
- As lágrimas são águas do deserto;  
o deserto fertiliza sábios e santos.
- As lágrimas são as palavras da esperança;  
e de esperanças se fazem poemas à dor.
- As lágrimas são as estrelas da noite;  
e sem noite não há dia seguinte.
- As lágrimas curam as feridas do passado;  
o passado dá asas ao futuro.
- As lágrimas confortam a solidão;  
a solidão é a água do silêncio.
- As lágrimas são a música da memória;  
a memória abre as portas ao sonho.
- As lágrimas dão a resposta ao sofrimento;  
o sofrimento faz a pergunta a Deus.

Frei Manuel Rito Dias  
Fátima, 01 de abril 2020

## Um Pai-Nosso global para a história da aproximação ecuménica

Podem os 30 segundos que dura um Pai-Nosso transformar-se num momento histórico da aproximação ecuménica? O Papa Francisco acredita que sim e a sua proposta para que todos os crentes rezassem juntos aquela oração teve a adesão de muitos.

António Marujo \*

«Hoje reunimo-nos, todos os cristãos do mundo, para recitar o Pai-Nosso, a oração que Jesus nos ensinou.»

Foi uma frase, na introdução da iniciativa, mas ela definiu um momento para a história da aproximação ecuménica: a 25 de Março, o Papa Francisco apelou a todos os cristãos, de diferentes denominações, que rezassem juntos o Pai-Nosso ao meio-dia, tendo em conta a situação de pandemia mundial.

Na curta introdução à oração, Francisco justificaria: «Queremos implorar misericórdia para a humanidade, duramente provada pela pandemia do coronavírus.» Não se tratou de pedir a Deus o fim mágico da pandemia, como ainda há quem insista. Ou de pedir perdão a Deus pelos pecados que o novo coronavírus estaria supostamente a castigar, como insensatamente outros insistem em afirmar, entendendo Deus como um feiticeiro dado a caprichos.



44

uma LUZ nesta pandemia

Pelo contrário. O Papa situou exactamente o seu objectivo: «Oremos pelos doentes e pelas suas famílias; pelos agentes no campo da saúde e por aqueles que os ajudam; pelas autoridades, pelas forças da ordem e pelos voluntários; bem como pelos ministros das nossas comunidades. (...) Entreguemo-nos também com plena confiança nas mãos de Deus e, com um só coração e uma só alma, rezemos...»

A mesma ideia ficara expressa na sua mensagem na rede social Twitter: «Queremos responder à pandemia viral com a universalidade da oração, da compaixão e da ternura», justificou.

Doação e confiança. Nada mais apropriado ao tempo, quando os cristãos se preparavam para celebrar a Paixão e a Páscoa de Jesus, que, nos momentos fortes que o levam à morte, assume esse duplo sentido de entrega e confiança absoluta no poder de Deus.

### “Ninguém se salva sozinho”

Entre os responsáveis que aderiram à proposta do Papa, estiveram o patriarca Bartolomeu, de Constantinopla (Igreja Ortodoxa) o arcebispo da Cantuária (Justin Welby, primaz anglicano), a Conferência das Igrejas Europeias (KEK) e o Conselho Mundial (ou Ecuménico) das Igrejas (CMI).

O secretário-geral cessante do CMI, Olav Fykse Tveit, acolheu com satisfação o convite do Papa. «Nestes tempos difíceis, as actividades que nos unem em oração recordam-nos que somos uma família humana», afirmou, em nome das 350 igrejas e comunidades que integram o Conselho.

Trazer para a oração os que sofrem com a doença ou os que combatem e ajudam a combater a pandemia – ou a ideia da única família humana referida por Tveit – tem sido uma preocupação do Papa ao longo deste tempo de pandemia.

“Entreguemo-nos com plena confiança nas mãos de Deus e, com um só coração e uma só alma, rezemos...”

Não foi, sequer, a primeira vez que a oração e o Pai-Nosso assumiram dimensões ecuménicas no pontificado de Francisco. Citando apenas dois exemplos recentes, recorde-se a oração do Pai-Nosso (com um discurso sobre o significado de cada frase) do Papa com o Patriarca Daniel, da Igreja Ortodoxa Romana; e o prefácio que o Patriarca Cirilo, da Igreja Ortodoxa Russa, escreveu para um livro de Francisco sobre a oração, publicado em Outubro passado.

Na Oração pela Humanidade, a 27 de Março, Francisco sugeriu duas ideias essenciais sobre o modo como entende esta época: estamos «no mesmo barco, todos frágeis e desorientados» e, por isso, ninguém se salva sozinho; e os verdadeiros heróis, aqueles que continuam a garantir a sobrevivência colectiva, são as «pessoas comuns», que não fazem manchetes e que escrevem hoje «os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, responsáveis, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos» outros.

Sexta-Feira Santa, na Via-Sacra, o Papa manteve-se em silêncio e deu voz a presos e vítimas de crimes. No Domingo de Páscoa, pediu a redução ou cancelamento da dívida dos países pobres e apoiou de novo o apelo de António Guterres a um cessar-fogo global, instando ainda os países-membros da União Europeia a deixarem os «egoísmos» e, numa carta aos movimentos populares, propôs um «salário universal» para os trabalhadores informais, insistindo no cuidado com o planeta. Reajustar a vida, dissera ele na mensagem da bênção *urbi et orbi*, supõe «trabalhar activamente em prol do bem comum dos cidadãos», promovendo “uma vida digna”.

No discurso sobre o Pai-Nosso, na Catedral ortodoxa de Bucareste, afirmara Francisco: «A vontade de Deus é que todos se salvem. Precisamos, Pai, de alargar os horizontes, a fim de não restringir dentro dos nossos limites a vossa misericordiosa vontade salvífica, que quer abraçar a todos.»

b

\*Jornalista do setemargens.com; o autor escreve segundo a anterior norma ortográfica

## “Acorda, Senhor”, e reanima a nossa fé!

No mar desta pandemia, o Papa Francisco tem sido um timoneiro exemplar. Vimo-lo só, nas ruas do Vaticano, ao encontro dos abandonados. Em 15 de março foi rezar diante do ícone da “Virgem Salus Populi Romani”, pedindo a salvação de toda a gente; e a seguir, na igreja de São Marcelo, na Via del Corso, foi pedir o mesmo diante do crucifixo que salvou Roma da peste. No dia 25 convidou a rezarmos com ele o PAI-NOSSO (ver pp. 44-45); e no dia 27, subiu a Praça de S. Pedro a pé, debaixo de chuva, até ao “sacro” da Basílica, para um tempo de oração pública: após a proclamação do evangelho de Mc 4,35-41, que explicou num discurso vigoroso, e, diante da Praça vazia, deu a bênção *Urbi et Orbi – à Cidade e ao Mundo* – em várias direções com o Santíssimo Sacramento na custódia. Reproduzimos aqui a sua homilia.



**A**o entardecer... (Mc 4,35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares.

Revemo-nos temerosos e perdidos. À sementeira dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «*vamos perecer*» (v.38), também nós nos apercebemos de que não podemos continuar a caminho cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez, no Evangelho, que

vemos Jesus a dormir). Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: «*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» (4,40).

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer N'Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: «*Mestre, não Te importas que pereçamos?*» (v.38). *Não Te importas*: pensam que Jesus Se desinteressou deles, não cuida deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: «*Não te importas de mim.*» É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele. De facto, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixámos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de

anestesiarmos com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascarámos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

«*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixámo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não **nos detivemos** perante os teus apelos, **não despertámos** face a guerras e injustiças planetárias, **não ouvimos** o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. **Avançámos**, destemidos,

pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. **Agora** nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: «Acorda, Senhor!»

«*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» Senhor, lanças-nos um apelo, um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, como sobretudo vir a Ti e confiar em Ti. Nesta Quaresma, ressoa o teu apelo urgente: «*Convertei-vos...*». «*Convertei-Vos a Mim de todo o vosso coração*» (Jl 2,12). Chamas-nos a aproveitar este tempo de prova como **um tempo de decisão. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros. E podemos ver tantos companheiros de viagem exemplares, que, no medo, reagiram oferecendo a própria vida.**

É a força operante do Espírito derramada e plasmada em entregas corajosas e generosas. É a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sus-

Ludolf Backhuysen (Emden, 1630 – Amesterdão, 1708), *Cristo acalma a tempestade no Mar da Galileia*. 1695.



«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?»

tentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos! – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho.

Perante o sofrimento, onde se mede o verdadeiro desenvolvimento dos nossos povos, descobrimos e experimentamos a oração sacerdotal de Jesus: «*Que todos sejam um só*» (Jo 17,21). Quantas pessoas, dia a dia, exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia-a-dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras.

«*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor, como os antigos navegadores precisavam das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confie-mos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais.

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma **âncora**: na sua **cruz**, fomos salvos. Temos um **leme**: na sua **cruz**, fomos resgatados. Temos uma **esperança**: na sua **cruz**, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que

nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: **Ele ressuscitou e vive ao nosso lado**. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumeja (ver *Is 42,3*), que nunca adoece, e deixemos que reacenda a esperança.

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvaguardar-nos e a salvaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. **Aqui está a força da fé**, que liberta do medo e dá esperança.

«*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*» Queridos irmãos e irmãs, deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de vos confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, saúde do seu povo, estrela-do-mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo desça sobre vós, como um abraço consolador, a bênção de Deus.

**Senhor, abençoa o mundo,  
dá saúde aos corpos e conforto aos corações!  
Pedes-nos para não ter medo;  
a nossa fé, porém, é fraca  
e sentimo-nos temerosos.**

**Mas Tu, Senhor,  
não nos deixes à mercê da tempestade.  
Continua a repetir-nos:**

«**Não tenhais medo!**» (Mt 14,27).

**E nós, juntamente com Pedro,  
«confiamos-Te todas as nossas preocupações,  
porque Tu tens cuidado de nós» (1 Pe 5,7).**



## 43ª SEMANA BÍBLICA NACIONAL

# O Evangelho da Vida

### 23. DOMINGO. **Abertura.**

**18:30** – Apresentação da Bíblia.

**18:40** – Saudação do Ministro Provincial da OFMCapuchinhos.

**18:50** – Apresentação da Semana, *frei Manuel Arantes*, secretário do MDB.

**19:15** – **A Vida e a Bíblia** (introdução aos temas em ppt), *frei Manuel Rito Dias*, ofmcap.

**19:30** – Oração da noite: *Equipa de Liturgia*

### 24. SEGUNDA-FEIRA: **Vida do Planeta Terra.**

**09:30** – O sentido da Vida e da Morte, na Bíblia, *frei Herculano Alves*, ofmcap.

**11:30** – Eucaristia na capela das Irmãs Carmelitas (*todos dias*).

**15:00** – Atuais violências contra a vida do Planeta Terra.

Mesa-redonda: *Engº José Manuel Alho e outros a convidar (Laudato si', 37-65).*

**17:30** – Em defesa de uma Ecologia integral (*Laudato si', 121-135*), *Doutora Helena Freitas*.

### 25. TERÇA-FEIRA: **Vida humana.**

**09:30** – A Vida Humana é sagrada e inviolável: «Não matarás» (Ex 20,13; EV 91-134), *D. frei Joaquim Ferreira Lopes*, bispo emérito de Viana (Angola).

**15:00** – Mesa-redonda sobre os atentados contra a vida humana: *aborto, eutanásia, suicídio e homicídio, etc.*, *Dra Margarida Cordo e outros a convidar*.

**17:30** – A responsabilidade sobre a vida: «O Senhor disse a Caim: Onde está o teu irmão Abel? Que fizeste?» (Gn 4,9.10; EV 15-45). *Prof. Doutor João Duque*, UCP/Braga.

### 26. QUARTA-FEIRA: **Vida divina.**

**09:30** – Jesus, o Verbo da Vida: «*Eu vim para que tenham vida*» (Jo 10,10; EV 53-87), *Doutor José Carlos*, UCP/Porto.

**15:00** – Os problemas da família, santuário da vida. Mesa-redonda sobre educação, cultura, economia... *Um Casal e o jovem Tomás Virtuoso*.

**17:30** – O dom da Vida Eterna: «*Vi, então, um novo céu e uma nova terra... e não haverá mais morte...*» (Ap 21,1.4). *Frei Fernando Ventura*, ofmcap.

### 27. QUINTA-FEIRA: **Vida total.**

**09:30** – Nossa Senhora da Vida – Maternidade de Maria e da Igreja: «*Depois apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher revestida de sol*» (Ap 12,1; EV 182-185), *D. António Couto*, bispo de Lamego.

**11:00** – Eucaristia de encerramento.

**INSCRIÇÕES: Secretariado Nacional de Dinamização Bíblica**

Tel. 249 530 210 | E-mail: [sndb@difusorabiblica.com](mailto:sndb@difusorabiblica.com)